

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO (FAAC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

CAMILA FERNANDES

**O PAPEL SOCIAL DO TELEJORNALISMO BAURUENSE
POR SEUS PROFISSIONAIS**

**BAURU
2017**

CAMILA FERNANDES

**O PAPEL SOCIAL DO TELEJORNALISMO BAURUENSE
POR SEUS PROFISSIONAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP Câmpus Bauru (SP), como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação sob a orientação do Professor Adj. Murilo César Soares.

BAURU
2017

Fernandes, Camila.

O Papel Social do Telejornalismo Bauruense por seus
Profissionais / Camila Fernandes 2017
80f.

Orientador: Prof. Dr. Murilo César Soares

Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação,
Bauru, 2017

1-Jornalismo cívico; 2-responsabilidade social; 3-
compromisso social; 4-notícia; 5-noticiabilidade; 6-
telejornalismo regional; I Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação.
II Título

O PAPEL SOCIAL DO TELEJORNALISMO BAURUENSE POR SEUS PROFISSIONAIS

Área de Concentração: Comunicação Midiática

Linha de Pesquisa: 1 - Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais

Banca Examinadora:

Prof. Adj. Murilo Cesar Soares

Presidente/Orientador/Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Unesp

Profa. Dra. Caroline Kraus Luvizotto

Docente/Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp

Profa. Dra. Rosângela Marçolla

Docente/Universidade de Marília - UNIMAR

A Deus e à minha família.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me conceder a oportunidade de ser aprovada na seleção de mestrado e ao meu Anjo da Guarda que me protegeu em todos os momentos. Quando pensei em desistir, me reergueu e retomei forças para continuar na caminhada.

À minha família: pai, mãe, irmão, tios e tias, primos. Meu alicerce. Sempre me apoiando.

Ao meu companheiro de vida, José Carlos Batata, pela paciência e compreensão com meus horários de aula, com as rotinas de estudo e pela sincera torcida desejando sempre minha vitória.

Aos caros e raros amigos, que sempre torceram pelo meu sucesso.

Aos colegas da turma de mestrado, por todo entusiasmo, as conversas ao final das aulas, o grupo criado nas redes sociais para compartilhar conhecimento, alegria e angústias, na certeza de que todo sacrifício seria válido. A eles, toda sorte.

Ao meu orientador, Murilo, pela experiência e competência acadêmica compartilhadas comigo, contribuindo em muito para meu repertório intelectual.

Aos professores que lecionaram as disciplinas cursadas, competentes e admiráveis.

Aos profissionais que integram as equipes de jornalismo da TV Tem e da Record TV Paulista por aceitarem participar desta pesquisa concedendo as entrevistas.

A UNESP, por ser uma das maiores referências acadêmicas e de pesquisa do país e aos funcionários da sessão da pós-graduação, pelos inúmeros atendimentos.

*“A mente que se abre a uma nova ideia,
jamais voltará ao seu tamanho original.”*

Albert Einstein

FERNANDES. Camila. **O papel social do telejornalismo, por seus profissionais.** Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação) pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus Bauru (SP).

RESUMO

A construção da notícia, sua apuração, redação e divulgação é algo curioso ao mundo de fora dos bastidores do telejornalismo. No jornalismo televisivo, a atividade profissional vai muito além dos microfones e câmeras. Não basta informar: o engajamento e o compromisso em assuntos de interesse social, o entrosamento e dinamismo são componentes do trabalho dos envolvidos na reportagem. Esta pesquisa tem como objetivo identificar os valores dos profissionais do telejornalismo regional e investigar a existência da responsabilidade social nas formas do exercer o jornalismo cidadão, com pautas de interesse público, priorizando os problemas sociais. Essa abordagem deu-se através de questões sobre a relação que o profissional tem com a sociedade/comunidade receptora e muitas vezes emissora de notícias. Qual a missão do jornalista televisivo diante dos fatos ocorridos? Que tipo de análise os profissionais da notícia fazem do seu trabalho junto à sociedade/comunidade? Analisando as entrevistas semi-estruturadas, (questões pré-estabelecidas) desta pesquisa qualitativa, procurou-se interpretá-las e assim identificar a auto-imagem dos jornalistas e sua profissão. A hipótese sobre a existência de uma missão e da responsabilidade social nos bastidores do telejornalismo foi confirmada com as entrevistas realizadas com os profissionais de duas emissoras afiliadas localizadas no município de Bauru e interpretação das mesmas tendo como base as referências sobre o assunto. Este contexto é mais uma discussão importante em meio a grandes transformações no mundo da comunicação.

Palavras-chave: jornalismo cívico; responsabilidade social; compromisso social; notícia; noticiabilidade; telejornalismo regional; comunidade.

ABSTRACT

News construction, verification, writing and diffusion are curious things outside the backstage of TV news. In television news, this professional activity goes well beyond microphones and cameras. Informing is not enough; involvement and commitment to interesting social matters, as well as momentum and integration are part of the job for those working on the report. This research has the purpose to identify the values of the professionals who work in regional television news and investigate the existence of social responsibility in different ways of practicing citizen journalism through an agenda focused on public interest which emphasizes social problems. This approach appeared through questions about the professional's relation with the recipient society or community and, many times, news producer. What is the mission of the television journalist before the occurred facts? What kind of analysis the news professionals make along with the society or community? Describing semi-structured interviews, (pre-conceived questions) in this qualitative research we interpreted and identified the self-image of journalists and their profession. The hypothesis about the existence of a mission and social responsibility in the backstage of television journalism was validated by interviews with professionals from two TV stations based in Bauru city. Both stations were used as references for the interpretation of the subject. This context adds an important discussion amidst huge transformation in the world of communication.

Keywords: citizen journalism; social responsibility; social commitment; news; newsworthiness; regional television news; community.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fluxograma Produção da Notícia.....	25
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	JORNALISMO E SOCIEDADE	18
2.1	Qual o importância do jornalismo na democracia?.....	18
2.2	Responsabilidade Social e Compromisso.....	22
2.3	Por dentro do universo midiático	24
3	O EXERCÍCIO DO JORNALISMO CÍVICO	27
3.1	Jornalismo e telejornalismo cívico no brasil	29
4	TVS REGIONAIS E TELEJORNALISMO REGIONAL	33
4.1	Telejornalismo em Bauru	38
4.2	Afiliada da Rede Globo	39
4.3	Rede Record Paulista	40
5	MANEIRAS DE FAZER NOTÍCIA	42
5.1	Noticiabilidade.....	44
5.2	O trabalho da equipe jornalística na construção na reportagem.....	46
6	METODOLOGIA	49
6.1	Do objeto de pesquisa	50
6.2	Técnicas de entrevista em pesquisa em comunicação.....	50
6.3	Elaboração das entrevistas.....	52
6.4	Realização das Entrevistas.....	54
6.5	Análise	55
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
8	REFERÊNCIAS	68
9	APÊNDICE	74

1- INTRODUÇÃO

Existe responsabilidade social dos profissionais do telejornalismo diante de reportagens que relatam os problemas existentes no município de Bauru?

A presente dissertação de mestrado tem como objeto de pesquisa a apuração de algo que talvez seja subjetivo no dia a dia dos profissionais do telejornalismo e do telespectador: a existência do compromisso social com a sociedade, a responsabilidade de cumprir pautas com caráter transformador contrapondo a linha editorial dos veículos de comunicação.

E para isto, optamos por obter respostas conhecendo o universo jornalístico das redações televisivas, através da realização de entrevistas semiestruturadas com profissionais da informação que constroem a reportagem diária por meio da notícia pautada com assuntos que rotineiramente incomodam os municípios. As equipes selecionadas para as entrevistas atuam na 1ª edição dos telejornais das emissoras afiliadas da Rede Globo e Rede Record localizadas em Bauru.

A intenção também é fruto do interesse de aprofundarmos nas teorias e práticas dos 'fabricantes' da notícia: rotina, construção, produção e divulgação de informações, visto a relevância que apresenta a sociedade, sobretudo a comunidade local onde as afiliadas estão sediadas. Provocação oportuna no meio midiático na qual os avanços tecnológicos introduziram uma nova forma de fazer telejornalismo.

O valor da notícia, a maneira de se fazer jornalismo público para e com o cidadão têm sido observados e discutidos com frequência, tanto nos meios acadêmicos quanto nos profissionais. A reportagem com todo seu pluralismo, indo a todos os cantos, revela algo de precioso nos dias atuais: a informação levada a sério a fim de colaborar na melhoria do que se encontra tortuoso. E é o jornalista quem vai construir esta alternativa junto da sociedade, que participa cada vez mais das atividades de produção da notícia.

Desde que o primeiro telejornal foi ao ar no Brasil no dia 19 de setembro de 1950, a mente e o coração das pessoas nunca mais foram os mesmos. O 'Imagens do Dia' diariamente ao ar entre nove e meia e 10 horas da noite na TV Tupi em São Paulo, emissora comandada por Assis Chateaubriand, apresentava em preto e branco as notícias gravadas na externa (rua) sem a existência de VT, utilizando pequenas câmeras cinematográficas e cenas reveladas em laboratório. Segundo Susin (2009) criou-se na época uma conversa dinâmica entre o âncora e o público

de maneira a surgir uma linguagem própria para o telejornalismo que inclusive podemos notar nos dias atuais. Para Maia (2011) o que foi implantado era um dos negócios mais lucrativos. Em 1960 já havia no país aproximadamente 34 estações de tvs e dois milhões de aparelhos ligados e nesta época o Jornal Vanguarda da TV Excelsior saiu na frente ao contar com a participação dos jornalistas como produtores e apresentadores das notícias, o que lhe rendeu o prêmio na Espanha como melhor telejornal do mundo em 1963. Infelizmente o programa não resistiu a ditadura militar e foi extinto após o Ato Institucional - nº 5.

Com a censura, os telejornais que existiam pelo país começaram a sofrer forte interferência política, estando cada vez mais escassa a informação e o estilo próprio. Rezende (2000) afirma que no início do nebuloso período, os programas jornalísticos evitavam comentários de seus apresentadores sobre as notícias e que a tv brasileira passou a ter sua grade de programação voltada para o entretenimento como novelas, filmes, humorísticos.

A televisão brasileira terminava a década cada vez mais alicerçada em três vertentes dos programas de entretenimento de grande apelo popular: as novelas, os enlatados (filmes e séries em sua maioria procedente dos Estados Unidos) e os shows de auditório. No telejornalismo dois fatos assinalam o começo de uma nova fase: a criação do Jornal Nacional e o fim do legendário Repórter Esso, na já combatida TV Tupi. (REZENDE, 2000, p.109).

Em setembro de 1969 estreava em rede nacional pela Rede Globo o Jornal Nacional, transmitido ao vivo e simultaneamente para seis capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte e Distrito Federal, beneficiado pelo sistema de satélite construído pelo Fundo Nacional das Telecomunicações.

A Rede Globo de Televisão investia para seu crescimento e segundo Maia (2011) o Jornal Nacional se tornou o serviço de notícias de integração do Brasil Novo levando imagem e som para todo o restante do país. Também inaugurou o formato fixo, a notícia curta, a exibição direta das falas dos entrevistados mudando o cenário jornalístico brasileiro, mesmo com sua relação estreita com a ditadura, apoio assumido anos depois pela direção. A autora afirma que o Jornal Nacional foi o ponto de partida de um projeto de tornar a emissora a maior rede de televisão do Brasil.

E assim o telejornalismo foi se consolidando pelo país. Squirra (1989) explica que o telejornal global aos poucos foi ganhando destaque ao lado das novelas

beneficiando-se do poder e prestígio da televisão, garantindo informação e diversão em meio aos problemas estruturais do país na época. O autor ainda afirma que as tvs e os noticiários se consolidaram no país como território simbólico, assumindo ambos o papel que estabelece relações de poder e controle social e ainda conclui que sendo tão imediata, atingindo uma audiência primorosa, a televisão unia tantos aparatos tecnológicos da época para ser capaz de mostrar a realidade mesmo quando não se pode ser revelada.

Neste contexto, Bucci (2004) compartilha da mesma opinião, destacando que a própria imagem do país estaria vinculada a tv e ao telejornalismo, agregando realidades distintas e contraditórias nas regiões. Afirma que esta nova era contribui para o processo de democracia.

A cada evolução da sociedade, os noticiários tiveram modificações, independente de emissora. A meta das redações era romper paradigmas iniciais e conquistar o telespectador. De acordo com Maia (2011) os modelos utilizados por várias décadas deram lugar a novas experiências. E essa busca pelo público e pela audiência atualmente faz com que a 'proximidade' seja meta para os jornalistas televisivos que têm sido desafiados a fazer noticiários com uma linguagem afetiva, popular. Consequentemente esse novo estereótipo também mexeu com o comportamento das equipes jornalísticas. Traquina (1993) afirma que os jornalistas não são meros informantes e observadores indiferentes dos fatos, mas sim, colaboradores ativos do processo de construção da realidade. Maia (2011) salienta que os apresentadores, por exemplo, devem estar informados sobre tudo o que será exibido, além de terem domínio sobre o conteúdo, já que o objetivo do noticiário é ser mais falado, conversado, e nos últimos anos, mais improvisado, com menos uso do teleprompter, se retratando diretamente com o público. A autora cita como exemplo a redação do RJTV 1ª edição, telejornal regional do Rio de Janeiro, na qual foi constatado em 2010 que o jornal era exibido no horário mais competitivo da televisão brasileira durante o dia: 12 horas, e que o modo como era feito, como as notícias eram informadas, estavam distantes da realidade das pessoas daquela localidade, visto também a frieza dos apresentadores e repórteres e a reclamação de que os bairros periféricos só eram noticiados nos assuntos de polícia. Passou-se então a apostar em um novo formato de telejornal: mudança no cenário-maior espaço para o apresentador andar pelo estúdio; presença de poltronas para convidados comentaristas; roupas informais abolindo a gravata e o blazer; uso de

Tps somente para seguir o roteiro, deixando o apresentador livre para noticiar espontaneamente. Na reportagem externa: exploração e criatividade do material que a equipe produz, bem como a frequência maior de entradas ao vivo sobre problemas nos bairros.

A reinvenção dos telejornais numa época em que os telespectadores receptores da notícia estão mais exigentes é um desafio que muitas emissoras estão tendo. Já não é mais utilizado o modo ‘engessado’ de fazer telejornal. As equipes de externa mostram-se mais engajadas no que diz respeito à população. A chegada da tecnologia e do consumo disponível e descartável, fez com que a informação se tornasse mais interativa. E atualmente vemos que as novas tecnologias exigem profissionais que dominem todas as linguagens para atuar no jornalismo chamado de convergente, que, de acordo com Silva (2013) com o surgimento das Tecnologias da Informação (TICs) envolve novas atribuições profissionais com a inclusão de vários suportes, que promove alteração na produção, conteúdo e consumo das informações, antes limitados a uma única fonte. O grande desafio dos veículos tradicionais de comunicação é fazer essa integração juntando textos, vídeos, fotos e áudios para atender o telespectador.

Para Jenkins (2006), estudioso do assunto, a junção das novas e antigas mídias pode ser complexa, pois a convergência não é definida pelo determinismo tecnológico, mas motivada pela perspectiva culturalista e ocorre no cérebro dos consumidores e não em aparelhos. “É o fluxo de conteúdo que perpassa múltiplos suportes e mercados midiáticos, considerando o comportamento migratório percebido no público, que oscila entre diversos canais em busca de novas experiências de entretenimento” (JENKINS, 2006, p.29).

Essa interação das mídias faz com que os antigos meios não veem a tecnologia como concorrente, mas como aliada, usufruindo do serviço para reforçar a imagem e informações instantâneas além de originar ampla audiência.

E o jornalista, como se posiciona diante dessa mudança? Jorge Pedro Souza (1999) afirma que exercer o jornalismo é um desafio que entre outros desafios exige elevadas capacidades profissionais, compromissos éticos e aptidão para relacionamento interpessoal. Para o pesquisador português atualmente existe exigências frequentes da flexibilidade e polivalência aos profissionais que acabam fotografando e também diagramando e no caso da televisão, produzindo, revisando,

editando. Conclui que onde as novas tecnologias imperam, a funcionalidade aumenta e o psicológico se esgota.

Pesquisa realizada em 2012 pela Universidade Federal de Santa Catarina em parceria com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) apontou que o mercado exige um profissional multitarefas, que trabalhe mais de 8 horas por dia, além de ganhar um salário abaixo do que espera pelo acúmulo de serviços. Mesmo diante dessa reinvenção da mídia e das dificuldades do mercado, a questão da responsabilidade social e do comprometimento do profissional da comunicação deve ser tratada com seriedade para a construção de uma sociedade mais justa e o crescimento de toda comunidade.

Ijuim (2009) relata que este contexto tenha sido relevante a ponto de ganhar destaque no documento: *Princípios Internacionais da Ética no Jornalismo*, que foi escrito no final dos anos 70 por organizações jornalísticas de vários países, na qual consta que “a informação do jornalismo é compreendida como bem social e não uma comodidade, e os jornalistas não estão isentos da responsabilidade da informação transmitida”. Já o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros reexaminado em 2007 diz que o exercício do jornalismo implica com a responsabilidade social inerente a profissão. Os dois documentos apresentam o jornalismo como atividade social. Para o autor, as bibliografias relacionadas ao jornalismo, focadas na ética profissional refletem preocupações com o assunto. Cita o pesquisador Pereira (2004) que considera habitual a transformação da comunicação desde a fase artesanal, passando por instrumento de lutas até o encontro com o mercado e afirma que a evolução de identidade do jornalista se forma a partir da fala humanista e da fala tecnológica, expondo que o jornalista é ao mesmo tempo, funcionário de uma empresa capitalista, responsável pela produção de uma mercadoria-notícia, e também age na condição de autoridade, investigando em nome do interesse público.

Marcondes Filho (1994) aponta diversas fragilidades nesta “sociedade tecnológica”, uma delas é o chamado período etnocêntrico, na qual afirma que a sociedade elegeu a tecnologia como sua racionalidade para imagens e referências e conclui que a imprensa e seus profissionais, como integrantes do mesmo conjunto social, convivem e atuam na sociedade chamada de ‘pulverizada’ pelo autor.

A responsabilidade do jornalismo com a sociedade é muito mais ampla do que podemos imaginar. Lage (2014) assinala que o jornalista precisa saber

selecionar o que é de interesse e o que é útil ao olhar do público, neste caso, o seu público, o receptor alvo da notícia e tentar conciliar essas duas qualidades.

...o jornalista deve ser fiel quanto às ideias de outrem que transmite ou interpreta; admitir a pluralidade de versões para o mesmo conjunto de fatos, o que é um breve contra a intolerância; e manter compromissos éticos com relação a prejuízos causados a pessoas, coletividades e instituições por informação errada ou inadequada a circunstâncias sensíveis. (LAGE, 2014,p.21).

O autor destaca que os valores e os papéis sociais sempre foram atribuídos ao profissional da comunicação, e que mesmo os críticos definindo como neutro, o jornalismo é uma atividade de natureza ética e peculiar. Entre as dificuldades da profissão está o comprometimento com a fonte e o público, que na maioria das vezes implica em conflitos de interesse. Conflito este que se refere ao próprio relato factual, o jornalista tem a missão de empenhar-se. De acordo com Lage, trata-se de um traço peculiar, já que essa participação, própria da cidadania, não é particularmente exigida de outros profissionais no exercício de suas atividades.

Retomando ao processo da dissertação, para a seleção de leituras praticadas, especificamos os autores e artigos que empregam conceitos e termos determinados no projeto como: telejornalismo regional, jornalismo e sociedade, história do telejornalismo e telejornalismo atual, jornalismo cívico, noticiabilidade, rotinas de reportagem entre outras expressões.

O objetivo geral da dissertação é revelar através das pesquisas de campo e bibliográfica, se existe a responsabilidade social e o compromisso no exercício das atividades dos profissionais do telejornalismo que produzem a reportagem externa, descrevendo as atitudes, o papel social que permeia as ações diante de reportagens que expõem os problemas que inquietam os cidadãos. Compreender os conceitos telejornalísticos e as rotinas de reportagem, explorar a relação do jornalismo e telejornalismo regional com a sociedade definem os objetivos específicos dessa investigação.

A metodologia empregada na dissertação foi a pesquisa exploratória da coleta de dados bibliográficos e a pesquisa de campo com a realização das entrevistas semiestruturadas com profissionais que integram as equipes jornalísticas das afiliadas da Rede Globo e Rede Record, localizadas em Bauru, utilizando a análise interpretativa para atingir os resultados esperados.

Sendo assim, a base teórica desta pesquisa contém quatro fases: A primeira etapa define o conceito de jornalismo e sua relação com a sociedade, utilizando autores especialistas no assunto como Marcelo Cancio, Cremilda Medina, Guilherme Rezende, Pierre Bourdieu, Nilson Lage, e a prática do telejornalismo e sua missão social com Alfredo Vizeu, Fábio Pereira, Jorge Ijuim, Rogério Bazi, artigos e dissertações que desbravaram o tema.

O segundo período será a apresentação do termo jornalismo cívico, uma ideia de aproximação com o público por parte da empresa jornalística. Conceito que surgiu nos Estados Unidos e pouco seguido no Brasil, apenas alguns modelos praticados em jornais de cidades do interior e tevês públicas com o telejornalismo cívico. Na revisão bibliográfica autores como os acadêmicos Nelson Traquina de Portugal e o norte americano Jay Rosen, principais expoentes do conceito além dos estudiosos Merrit e a dupla de brasileiros Marcus Mota e Flávia Lima que publicaram artigo sobre o tema.

Na terceira fase, partimos para o telejornalismo regional, abordando suas definições, o surgimento, e as emissoras que criaram as afiliadas no interior do país para se aproximarem do telespectador que antes tinha acesso somente à programação nacional exibida por elas, destacando o trabalho desenvolvido pela TV TEM e TV Record Paulista em Bauru. No subcapítulo telejornalismo local, também citamos as diversas emissoras de tvs com sede no município que mostram o cotidiano na tela e muitas vezes contam com a participação do morador-cidadão-receptor da notícia para pautas que abordam problemas sociais que geram inquietações e cobrança na solução através do poder público.

No quarto e último período da base teórica, são abordados a composição da notícia e construção da reportagem, critérios de noticiabilidade, rotinas jornalísticas enfatizando novamente os estudos de Alfredo Vizeu e outros especialistas no assunto. Na sequência partiremos para as entrevistas semiestruturadas com profissionais da reportagem atuantes nas primeiras edições dos telejornais das afiliadas citadas.

Por fim, prosseguimos com a descrição do material coletado na entrevista interpretativa para a análise interpretativa a partir de respostas emitidas a fim de chegarmos aos resultados.

A seguir, abordaremos as contribuições e a importância do jornalismo na sociedade.

2- JORNALISMO E SOCIEDADE

Antes de chegarmos ao ponto central da pesquisa, é necessário conhecermos os atributos do jornalismo e o exercício da profissão. Neste capítulo apresentamos o conceito de jornalismo interpretado por diversos estudiosos da área, a importância do jornalismo para a democracia brasileira; os valores sociais do exercício da profissão, bem como as características do telejornalismo e o dever do compromisso social dos profissionais da reportagem. Vejamos:

O conceito de jornalismo recebeu interpretações de muitos autores. Para Hudec (1980) o jornalismo é a relação e a orientação para os problemas, fatos, fenômenos, questões e ideias do cotidiano. Já para Ventura (1997) a atividade jornalística age como uma ponte entre o indivíduo e o mundo, no corpo a corpo com realidade, promovendo uma comunhão entre o acontecimento e o público. Cancio (2005) considera que o jornalismo possibilita a criação de canais de comunicação entre grupos, classes sociais, cidadãos, governantes. Para Medina (1982), o conceito estabelece pontes na realidade dividida em grupos de interesses, classes sociais, citando Abraham Moles, com a frase ‘o vaso comunicante da sociedade’. Rezende *apud* Chaparro (2000) conclui em sua obra que a atividade está dividida em duas vertentes: sociedade e atualidade. “Quando se fala em sociedade, estamos falando de grupos que convivem através de grandes acordos ou desacordos. O jornalismo reflete os conflitos, acordos e desacordos da sociedade.” (p.23.)

O autor adverte que, se não estiver ancorado em valores, o jornalista pode se perder. Por isso, apoiar-se na posição dos valores sociais é essencial, sendo imprescindível a sociedade porque é um campo que enriquece a capacidade de senso crítico. No entanto, enfatiza que o jornalismo também poderá produzir tanto informações transformadoras como propaganda ideológica – discurso dos outros.

2.1- Qual a importância do jornalismo na democracia?

De acordo com Itaussú (2014), a imprensa é uma das mais importantes instituições que amparam a democracia. O jornalista fiscaliza políticos e governos, informa o cidadão, cobra e denuncia. Ele constrói uma realidade mediada na sociedade, em que o cidadão toma conhecimento da política através do jornalismo midiático, que cada vez mais adquire papel fundamental na democracia. Para o

autor, o fato de existir liberdade de imprensa, não sugere que a relação entre mídia e democracia deve oferecer 100% de benefícios para a sociedade. Ressalta que é um assunto complexo analisado por inúmeros estudiosos da comunicação e menciona a morte do repórter-cinematográfico Santiago Idílio de Andrade da Rede Bandeirantes, ocorrida no dia 10 de fevereiro de 2014, que provocou uma explosão dos editoriais dos meios de comunicação que se manifestaram em defesa da liberdade de imprensa e da democracia no país. As manchetes noticiavam “sem cidadãos informados, não há democracia no país”, “isenção e correção para informar a sociedade”, entre outros. Diante deste episódio, despertaram-se argumentos que estavam esquecidos sobre liberdade de imprensa e que se encontram ultrapassados devido a maneira dos próprios meios tratarem fatos como este, tornando a legitimidade questionável sobre o papel de representante público do cidadão brasileiro.

Já Fonseca (2011) afirma que a mídia ao participar da esfera pública como prestadora de serviços e como organização de comunicação, teria a função fundamental nas democracias: informar sobre os acontecimentos, que são direcionados as pessoas através de um turbilhão de dados que, segundo autor, sem esta mediação, não teriam condições de conhecer outras realidades que não fosse as vivenciadas. Contudo, observa que os órgãos da mídia deveriam pela lógica, fiscalizar o Estado, exercendo o controle social, mas não o fazem, pois as emissoras de tvs, jornais, rádios, revistas e portais são em sua larga maioria, privadas.

Segundo Fonseca, Castells (2000) apontou que as sociedades contemporâneas são midiáticas, o que chama de ‘política informacional’, na qual suas relações sociais e de poder são intermediadas por diferentes modalidades de imprensa, que definem dentro do espaço público o que deve ou não ser prioritário. Fonseca cita como exemplo a postura dos meios de comunicação no Congresso Constituinte entre os anos de 1987 e 1988 e que foram debatidos diversos temas sociais como a greve e mudanças no trabalho. A grande mídia se posicionou com veemência em relação aos assuntos: os interesses dessas empresas eram opostos a esses novos direitos. Assim, uma série de justificativas negativas em relação a votação foi noticiada. Logo o pesquisador conclui que quando um conflito ou divergência são colocados à prova, a imprensa brasileira contradiz suas próprias afirmações.

Para Bourdieu (1997) o universo do jornalismo é um campo heterônomo, fortemente sujeito as pressões comerciais e que exerce ao mesmo tempo, influência em todos os campos, enquanto estrutura. E o efeito estrutural não tem a ver com o que se denuncia. De acordo com o autor, não se deve polemizar contra tal profissional, deve haver compreensão de sua pequena força dentro de um veículo de comunicação, no sentido de hierarquia e relações comerciais.

O campo jornalístico age, enquanto campo, sobre todos nos campos. Em outras palavras ele próprio dominado pela lógica comercial, impõe cada vez mais limitações a outros universos. Através da pressão do índice de audiência, o peso da economia se exerce sob a televisão, e através do peso da televisão sobre o jornalismo, ele se exerce sobre outros jornais e nos jornalistas, que pouco a pouco deixam que os problemas da televisão se imponham a eles. (BOURDIEU, 1997, p. 57).

Cancio apud Correia (2005) destaca a subestimação da relação entre jornalismo e sociedade, lembrando que no processo de produção a informação-relação com fontes, pressões, constrangimentos, seleção de conteúdo, é necessária uma perspectiva que valorize a dimensão social. Sendo a sociedade uma produtora de acontecimentos, discursos, ações momentâneas, o jornalismo tem o papel de capturar e aprofundar essas ações, investigando a realidade para as transformações sociais.

SOARES (2009) retrata que a desigualdade social é um fator que afeta o direito à informação: pessoas bem-sucedidas financeiramente temo privilégio de pagar por acesso aos meios noticiosos analíticos (Tv a cabo), enquanto os menos favorecidos tem apenas o acesso a Tv aberta. O autor pressupõe que os temas sociais não são preocupações frequentes dos diretores de jornais, jornalistas.

Enquanto os meios parecem representar razoavelmente as questões que envolvem interesse de mercado e até da classe média, o mesmo não ocorre com igual intensidade no caso da maioria, especialmente os marginalizados. Haveria um limiar limitado de preocupação dos meios com esses temas, um intervalo no qual os meios poderiam incluir demandas sociais da cidadania social ampliada. (SOARES, 2009, p.140).

Somada a esta realidade, observamos que os veículos de notícia que se destinam a classe popular têm o bizarro, o sangue, o humor, a apelação ocupando os espaços mais nobres, pois o conteúdo segue uma linha relacionada as preferências do telespectador. Lima (2014) admite que vivemos uma época em que há tanto fluxo de informações que o receptor não é capaz de absorvê-las e que

quanto mais recebemos informações, mas não temos o poder de compreender o que acontece na realidade, lamenta o autor.

Os veículos passaram a traçar estratégias para inserir o público na produção da informação. Devido a esta razão, as novas práticas jornalísticas que nascem nas redações adotaram o emprego de 'porta voz dos cidadãos'. Cytrynblum (2009) afirma que o público deve ser visto como fonte em potencial, enriquecendo o diálogo entre diferentes atores sociais, buscando soluções para problemas da própria comunidade. Já Dornelles (2008) aponta o papel educativo dos meios ao ponderar que os jornalistas devem não apenas manter a população informada, mas também educá-la para viver a democracia, mobilizando e organizando atuações para melhorar o futuro das gerações.

E o telejornalismo, o que informa? Por ser dominado por conflitos e confrontos, o telejornalismo possui uma estrutura que permite ir ao ar diante de uma onda de acontecimentos, atuando como mediador social, detendo a força da pauta.

Diversas pesquisas ao longo dos anos mostraram a centralidade e a importância da mídia em todo o país e a televisão é a campeã de confiança. Para Vizeu (2008), o telejornalismo ainda exerce uma relação de segurança na sociedade complexa, propondo ser um lugar de referência e por isso, tornou-se colaborativo. Segundo o autor, não existem mais cidadãos coadjuvantes, estes exercem papel de atores sociais que questionam problemas diante das câmeras, em busca de solução. Perante o respeito e a dignidade, basta um telefonema para a prontidão dos meios de comunicação vir atendê-los, a fim de denunciar agressões, discriminações, mau atendimento.

Visto que a maioria das pessoas ainda tem o telejornal como a primeira fonte de informação que recebe do mundo que os cerca, é através deste produto midiático que veem a possibilidade de fiscalizar o desempenho dos governantes. Segundo Souza (2006), a prática do pertencimento público acontece pela recepção midiática, assim, o processo comunicacional permeia a configuração do espaço público. O morador pode participar das vivências com a cidade e ficar conectado com o telejornal: ele toma dimensão dos problemas existentes no bairro e arredores.

2.2- Responsabilidade social e compromisso

Se tomarmos como ponto de vista ético, o jornalista tem por missão auxiliar a sociedade nas suas decisões, contribuir para a cidadania, denunciar o que de fato for prejudicial a sociedade. Bucci (2000) afirma que o exercício do jornalismo não deve ser uma técnica, mas sim um ofício, sendo impossível trabalhar com a crítica da população sem refletir os padrões éticos da profissão. A visão romântica que a sociedade criou em torno da profissão do jornalista deve ser desmistificada e encarada como desafios para o exercício do chamado: O Quarto Poder. Pereira (2004) utiliza-se dos ensinamentos de Kovach e Rosenstiel (2003) na obra *Elementos do Jornalismo*, para apresentar o que seria os elementos fundamentais para a profissão, e a primeira é a obrigação do jornalista com a verdade:

A primeira obrigação do jornalismo é a verdade. 2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos. 3. Sua essência é a disciplina da verificação. 4. Seus profissionais devem ser independentes dos acontecimentos e das pessoas sobre as que informam. 5. Deve servir como um vigilante independente do poder. 6. Deve outorgar um lugar de respeito às críticas públicas e ao compromisso. 7. Tem de se esforçar para transformar o importante em algo interessante e oportuno. 8. Deve acompanhar as notícias tanto de forma exaustiva como proporcionada. 9. Seus profissionais devem ter direito de exercer o que lhes diz a consciência. (PEREIRA *apud* KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.4).

E Pereira (2004) ressalta que se o profissional se afasta desses princípios, ainda não se convenceu de seu papel social na área. O autor recorda a função do jornalismo em outros países como nos Estados Unidos, onde o jornalista desempenhou papel relevante na Era Progressista entre o final do século XIX e o início do século XX. Nos anos 50 a Comissão para a Liberdade de Imprensa criou a chamada Teoria da Responsabilidade Social naquele país, com o objetivo de orientar a atividade jornalística sem a necessidade de ser comercial lucrativo. Poderíamos tomar como exemplo o conceito de jornalismo cívico. Em comum também com a França, onde a responsabilidade social se aplicou na interpretação da notícia ao público receptor. Com isto, o autor conclui que nas sociedades democráticas a função do jornalista se assemelha ao do educador, com a missão não somente de informar, mas também de impor soluções aos problemas cotidianos que estão ao seu alcance.

O educador Paulo Freire, durante o período de exílio em Genebra, Suíça, escreveu *O Compromisso do profissional na Sociedade*. Nele, Freire condiciona o

dever de quem tem o compromisso profissional, como um ser capaz de agir e refletir e transformar a realidade de acordo com as finalidades propostas pela sociedade. Aponta que é necessário 'permanecer no mundo' para compreender o processo ação-reflexão, portanto firmar compromisso com o mundo é decorrência do processo humanizador. "O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, cujas 'águas' os homens verdadeiramente comprometidos ficam 'molhados". (FREIRE, 1981, p.19).

Neste sentido, o engajamento referido, é algo visto pelo autor como corajoso, decidido, consciente e não pode considerar-se neutro. Sustentando que a neutralidade reflete o medo do compromisso. Ijuim (2009) questiona a quem a mídia e seus profissionais devem a solidariedade dessa responsabilidade. Define a resposta em duas diferentes reportagens sobre índices sociais da pesquisa do IBGE realizadas pelos jornais Folha e O Estado de São Paulo em 2008. O primeiro relatou a informação em forma de caderno especial, com fontes oficiais e do governo, enquanto que o segundo se preocupou em ouvir os cidadãos alvo da pesquisa: os novos alfabetizados, moradores que são reféns do trabalho escravo e infantil, entre outras mazelas. Mostra que a solidariedade está na possibilidade de fazer a produção jornalística, de estratégias e abordagens de acordo com os anseios de transformação da realidade.

A produção de notícias pode sim, sofrer alterações, mediante a ideologia dos detentores da mídia. Segundo o Souza (1999) as imagens que o público tem dos jornalistas, vem da posição apresentada por cada profissional na reportagem, dos vários estilos editoriais e da forma de abordar os acontecimentos. Portanto, a imagem que um jornalista tem do seu trabalho, da organização na qual atua, e do jornalismo em geral, é afetada pelos valores, crença, expectativas pessoais, além dos procedimentos internos da empresa jornalística, conforme podemos conferir na reflexão de Souza (1999): "Todavia, aquilo que os jornalistas pensam deles próprios dependerá da sociedade em que vivem, da imagem da imprensa, em geral, e da imagem da organização para que trabalham." (SOUZA, 1999).

Traquina (2001) aponta que o trabalho do jornalista deve ser livre de omissão, isento de opiniões individuais e independente. Para o autor, a profissional da comunicação é responsável pelo que chama de revitalização da vida pública, sendo necessário ir além do compromisso de dar as notícias para melhorar as notícias que leva ao ar.

2.3- Por dentro do universo midiático

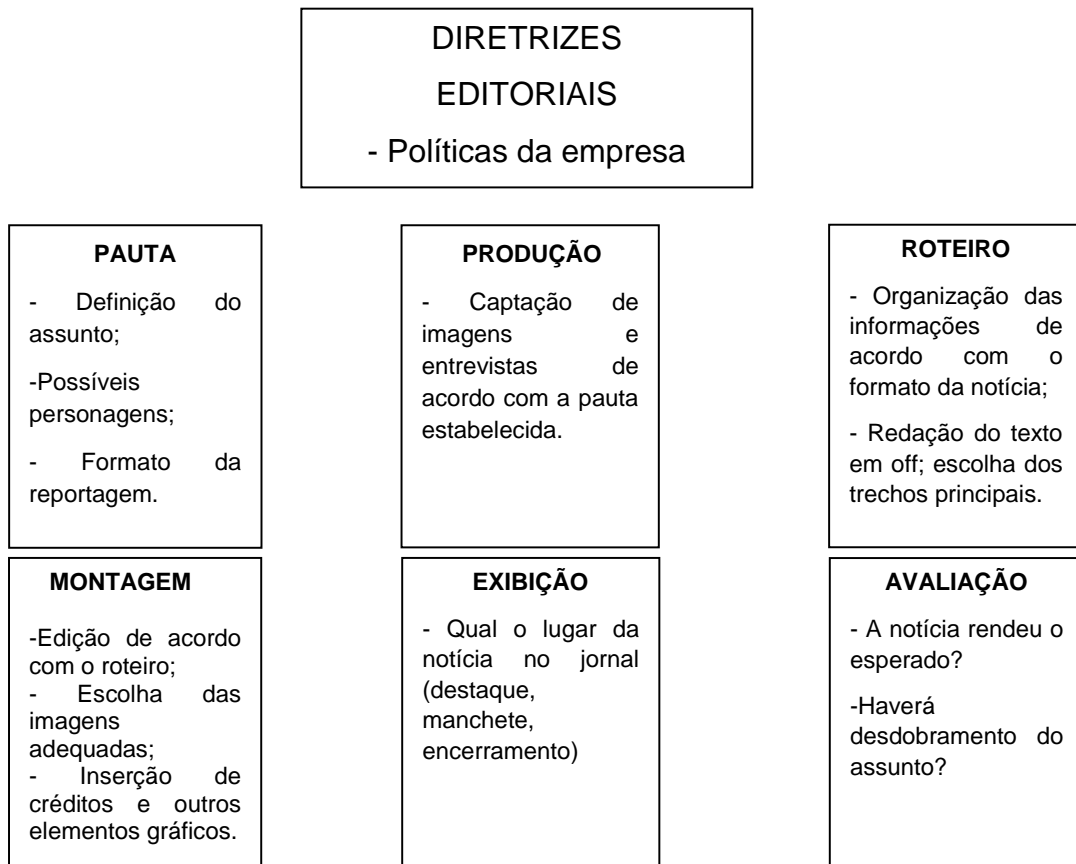
Em seu espaço midiático, relacionam-se interesses comerciais e políticos junto a liberdade de informação. Silva (2005) em sua dissertação sobre telejornalismo e representações do programa de pós-graduação em comunicação da Universidade Estadual Paulista, enfatiza que o jornalismo produzido na televisão possui características peculiares devido a junção da palavra e da imagem. O critério do que pode ser notícia às vezes se dá pela informação visual. Fatos inéditos e dramáticos dão vida às reportagens. Para a pesquisadora, dependendo da intensidade, da força das imagens que ficam por 15 segundos, elas permanecem na mente do telespectador por muito tempo.

São características do telejornalismo o imediatismo, envolvimento, índice de audiência além dos próprios atributos contribuírem para a construção de representações, intermediando a realidade. Para Cancio apud Ventura (2005) a atividade jornalística faz uma espécie de ponte entre o indivíduo e o mundo. O corpo a corpo com a realidade e o repórter, produtor, editor, cinegrafista promovem uma comunhão entre o acontecimento e o público.

A editoria informatizada é composta por repórteres, produtores, editores. A maioria das redações segue o senso comum da reportagem, com muitos jargões utilizados. Segundo outro artigo de Vizeu (2005) sobre telejornalismo, a reflexão crítica é imprescindível neste meio midiático. O autor afirma que telejornal é muito mais que um entendimento simples, é complexo. E sua complexidade esconde o pressuposto de que a televisão tem que agir para o bem público. Tudo depende da política editorial da emissora: definição do que será notícia, quais fontes serão entrevistadas, definição de localidade, tempo do assunto, tudo depende da visão ideológica da hierarquia, contrariando o que é ensinado nos cursos de jornalismo sobre a imparcialidade que deve ser praticada no meio.

Silva (2005) expõe os processos de produção da notícia para a televisão, através do fluxograma que veremos a seguir na figura 1:

Figura 1- Produção da Notícia



Fonte: SILVA, F. Adriana. **Telejornalismo Regional: Identidade Representações**. UNESP. Bauru, 2005.

A apresentação da figura acima é importante para compreendermos a produção da notícia em uma redação televisiva para contextualizar com o objeto de pesquisa: a responsabilidade social desses profissionais da reportagem diante de fatos ligados diretamente a comunidade. Nota-se que desde a reunião de pauta até a avaliação final, existe uma determinada preocupação da linha editorial com a reportagem que irá ao ar: seleção dos assuntos/ imagens adequadas; se a notícia rendeu o esperado e se haverá desdobramento do assunto.

Na mídia televisiva existem ainda os 'pseudo-acontecimentos', que segundo Silva (2005), citando Bourdieu (1997), se refere a eventos criados apenas para o fato aparecer na TV, fenômeno chamado de 'pseudo - eventos': agito protesto, ocupações de prédios, bloqueios de rodovias. A autora destaca que a televisão através dos telejornais em 2005 (data da pesquisa realizada) já era considerada o canal onde os telespectadores tinham a oportunidade de expor seus problemas

cotidianos e o descaso do poder público. Os repórteres tornaram-se mediadores da relação entre governo e cidadãos. Assim, as editorias passaram a adotar um padrão solícito e cívico nos noticiários conquistando a simpatia de quem os assistiam.

É este novo formato de fazer notícia, conhecido como jornalismo cívico, que vamos apresentar no próximo capítulo. Abordaremos o conceito criado nos Estados Unidos e expandido por diversos países, inclusive no Brasil, embora ainda não haja uma concreta definição, alguns meios mostram que é possível exercê-lo perante a sociedade.

3- O EXERCÍCIO DO JORNALISMO CÍVICO

Mostraremos o surgimento do conceito de jornalismo cívico nos Estados Unidos, criado nos bastidores de alguns jornais com a finalidade de se aproximar da população local, com temas de interesse a cidadania e na solução dos problemas sociais que o cercam, como forma de alavancar audiência e atrair novamente os leitores. Anos mais tarde, este movimento foi adquirido por alguns meios de comunicação no Brasil.

O conceito de jornalismo cívico surgiu nos jornais dos Estados Unidos no final dos anos 80 com a queda de assinantes devido ao rumo que a política daquele local tomava.

O editor do pequeno jornal *'The Wichita Eagles'*, Davis Merrit, propôs durante reunião com a redação uma maior aproximação da comunidade, a fim de despertar audiência e retomar a confiança dos leitores. Foi então que apostou em temas de interesse da população e de cidadania, promovendo a participação na vida pública e ajudar nas soluções de problemas locais. Via com tudo, a importância de fortalecer a democracia e a ética.

O jornal Columbus Ledger Enquirer da Companhia Knight Ridder no estado da Geórgia também foi um dos primeiros formatos de jornalismo cívico. Adotando a ideia de tentar melhorar a vida das pessoas, realizou pesquisas para conhecer os problemas que mais incomodam ou afetam a comunidade. Foram elaborados questionários nas quais os moradores responderam aos jornalistas, o que resultou no projeto *Columbus beyond 2000*, com ações que visavam juntar-se ao público, a fim de mostrar o enfrentando de problemas relacionadas a vida pública.

Por fim, Lima (2014) afirma que o jornalismo cívico pode se caracterizar em seu conjunto de estratégias que nasceram da prática e do cotidiano das redações, afirmando a perspectiva do estudioso Jay Rosen, na qual pode ser visto de cinco maneiras:

1. Como um argumento - o que os jornalistas devem pensar em ser feito durante a reportagem ao aborda a situação de tal comunidade;
2. Como uma experiência: sair das rotinas estabelecidas, tendo mais autonomia para contribuir com o fortalecimento da vida pública;
3. Visto como movimento nas quais diversos profissionais que lutam para melhor sua atuação unindo-se com cidadãos participantes de ações sociais.

4. Como um debate entre a imprensa e sua contribuição para democracia;
5. Visto como uma aventura, uma experiência de um novo formato de exercer o jornalismo.

Desde então, os cidadãos e suas aflições, suas necessidades, passaram a ocupar um espaço relevante na produção das pautas. Segundo Lima apud Haas (2007) os defensores do jornalismo cívico ressaltam que os profissionais devem mudar o estilo de produção das notícias, abrindo espaço para o envolvimento com a reportagem, com a comunidade, engajando-se mais na vida pública ao invés da busca pela emoção em cada editoria. Na visão do autor, notícias relacionadas com órgãos municipais, estaduais e federais deveriam ter mais enfoque nos meios de comunicação.

O fenômeno ganhou notoriedade nos anos 90 em outras partes do mundo, com pesquisadores europeus, chamando atenção em Portugal do estudioso da comunicação Nelson Traquina. O autor em artigo publicado em (2015) reafirma a visão do jornalista norte americano Merrit de que a relação entre imprensa e democracia é simbólica, pois a sociedade necessita de informações contextualizadas, de relevância e que somente jornalistas 'livres e independentes' podem exercê-la. Sendo o jornalismo uma peça fundamental na vida pública, só é eficaz se buscar o envolvimento do cidadão para questões de cunho social a fim de mudança no meio em que vive e uma modificação profissional para alcançar este objetivo. "Temos que esclarecer os nossos valores, realizar o verdadeiro contexto do nosso trabalho. Além disso, é necessário adotar um papel que vai além de dar notícias." (TRAQUINA, 2015, p.300).

Traquina reforça que este tipo de jornalismo social é fundamental na revitalização da vida pública, e citando o caso Watergate, onde de acordo com sua opinião houve um excesso de negativismo na profissão, após o acontecimento, aumentando o descrédito no jornalismo. A norma jornalística e a política entraram em guerra- 'o que era cão de guarda se revoltou e atacou'. E surgiu a missão de melhorar a vida pública e os parâmetros televisivos estabelecendo conexões com o cidadão, ao invés de somente emitir a notícia, assumindo a função de participante e não de um mero observador.

No entanto, o acadêmico Jay Rosen (1993) prefere o nome 'jornalismo público' para se referir a essa forma de aproximação da imprensa com a comunidade na construção de espaço democrático. Aprofundamento no debate,

Rosen sustenta que os jornalistas devem estar dispostos a associar-se na criação da comunidade, incentivando a capacidade cívica, sendo, eles próprios, os atores políticos no elo com o cidadão, tornando-os protagonistas do drama público, ao invés de receptores, espectadores.

Para Traquina, esse movimento reafirma a responsabilidade social do jornalismo, em época em que as redações sofrem com a influência capitalista e mercenária da hierarquia nas decisões editoriais. O jornalismo cívico surge inicialmente como uma ruptura em relação aos valores dominantes, porém, não se deve deixar de lado o 'olhar de observador desprendido' pois este ainda é reconhecido. O autor ressalta que este formato de jornalismo terá futuro, se não confrontar com o mundo capitalista já instituído.

3.1- Jornalismo e telejornalismo cívico no Brasil

Quando falamos em jornalismo cívico no Brasil, existem certas deficiências quanto ao conceito empregado. Muitos pensam que o modelo é a interação da comunidade com a imprensa através de sugestão de pautas e veiculação de imagens amadoras. Lima (2014) cita que o Brasil ainda não encontrou uma definição, com poucas bibliografias sobre o tema. Mas, nem por isso, deixa de praticar o jornalismo cívico. Relata que emissoras televisivas como a TV Cultura, TV Brasil e Rede Minas exercem em seus telejornais o modelo norte americano. De fato, diversos veículos de comunicação o exercem, mas se equivocam sobre o conceito. De acordo com Pena (2005), os pilares do jornalismo cívico se definem a cada dia. Contudo, traçou algumas relevâncias baseadas nos ensinamentos de Merrit:

- O jornalista deve ser uma força de revitalização da vida pública;
- O jornalismo deve redefinir seus valores e aproximá-los da comunidade;
- A objetividade é o primeiro conceito a ser abatido, pois conduz os jornalistas a enquadramentos viciados;
- Deve-se evitar o excessivo negativismo e concentrar-se em uma agenda propositivista;
- A missão de dar as notícias deve ser substituída por outra: ajudar a melhorar a vida pública;

- O jornalista deixa de ser observador desprendido e assume o papel de participante justo;
- O público não deve ser concebido como consumidor, mas como cidadão;
- O próprio jornalista é um ator político;
- As velhas rotinas devem ser quebradas.

Alguns autores reconhecem a necessidade de domínio técnico na área e jornalistas que saem da universidade cientes de seu papel junto a sociedade, tendem a ter sucesso na realidade da profissão.

O modelo nada mais é segundo Lima (2014) do que a formação da comunidade a partir dos valores jornalísticos de quem está do outro lado realizando a reportagem. A autora aponta para a confirmação de Sirianni e Friedland:

O jornalismo cívico respondeu de forma estratégica e eficaz às oportunidades existentes e conseguiu desenvolver um valioso modelo de deliberação que induz o estabelecimento de uma agenda democrática e a resolução de problemas entre os atores cívicos e governamentais. (LIMA *apud* SIRIANNI E FRIEDLAND, 2014,p.15).

Após 2008, o telejornalismo de várias emissoras passou a seguir o modelo cívico, os repórteres e até produtores não só transmitiam a informações, mas percebiam as necessidades da população, o engajamento dos mesmos, a fim de encontrar soluções para problemas de interesse social, seja educação, saúde, segurança, alcançando o público de uma forma diferente dos padrões televisivos da época. O perfil editorial passou a apresentar uma linguagem mais simples e de fácil compreensão, priorizando o contato direto com a comunidade. Campos (2011) cita como exemplo a primeira edição do telejornal da TV Anhanguera, emissora afiliada da rede Globo em Goiás. O quadro 'Quero Ver na TV' surgiu sem pretensões em 2008 e tornou-se ferramenta de sugestões dos telespectadores através de email. O autor avalia que suas características estão relacionadas com a melhoria da vida pública, remetendo à tentativa de solucionar os problemas dos moradores. Demonstrando preocupação do jornal em aproximar-se dos telespectadores, em 2010, foi criado um painel de votação nos bairros onde os moradores escolhiam o principal empecilho do local que vivem. No entanto, Campos observa que o distanciamento do repórter com o cidadão foi visivelmente notado, devido a rapidez de a reportagem entrar ao ar no *link* (ao vivo) do telejornal 1ª edição. Notou-se também a rotina jornalística já estabelecida, não quebrando o formato tradicional da

produção da notícia. Mesmo com esses detalhes, o autor considera que a afiliada da Rede Globo se destacou com a inovação.

Barbeiro e Lima (2002) comentam que, nas emissoras privadas de comunicação, o único objetivo é gerar resultados, ou seja, audiência, enquanto que, nas públicas, que são poucas que desempenham esse papel, há uma preocupação maior na reflexão sobre a realidade estimulando o censo crítico. Afirmam que nelas existe uma contribuição maior para que o cidadão passe a ser sujeito e não objeto da história.

No caso da TV Cultura como inovação, o jornalista assumiu a condição de mediador. A emissora possui o Guia de Princípios do Jornalismo Público que prega que o exercício do jornalismo público só é possível se a televisão for autônoma. Os telejornais da emissora são estimulados a evitarem a notícia-espetáculo e priorizar temas importantes, como educação, questões políticas, sociais e urbanas, privilegiando a universalidade, sendo mais pluralista possível. Para Moraes (2011), essa iniciativa permite o receptor fundamentar opiniões, fazer críticas e cultivar outra visão sobre a realidade na qual vive.

Neste guia, é citado o fato da instantaneidade e da velocidade atrapalharem certas reportagens, pois o jornalista necessita aprofundar a visão da situação na qual está diante dele, pois, e não o fazendo, torna-se superficial a história produzida. O mesmo acontece com o ineditismo, onde se divulga alto fluxo de informações em um curto tempo e o espectador acaba por não absorver a notícia integral.

Ainda sobre a TV Cultura, as normas da emissora além de tratarem os receptores como cidadãos com direitos e deveres, buscam também ampliar seu laço com a emissora, permitindo que opinem, sugiram pautas, e abasteçam a audiência a cada edição. Segundo Moraes (2011) nesta emissora, uma vez inserido no telejornal, o formato de jornalismo cívico desenvolve a continuidade do que foi noticiado e este aprofundamento na matéria provoca reflexão ao espectador e credibilidade ao programa.

No jornalismo cívico, surge um novo perfil de profissional, que deve ter expertise no diálogo, o chamado 'feeling' jornalístico, para melhor compreensão do desejo, pensamento e preocupações da comunidade.

As substituições das perguntas também merecem atenção, ao invés dos lugares comuns "quem, quando, onde e por que", empregam-se questões relacionadas aos problemas e conflitos do local. Além do repórter saber onde

ocorreu o fato, quem os afeta, qual o motivo, é preciso saber o que foi feito, quais providências serão tomadas.

Ainda na temática perfil profissional, Moraes (2011) comenta o documento guia da emissora de tv norte americana PBS na qual alerta para a necessidade de discrição na produção das reportagens, não chamando atenção. Coragem, inovação e interação com o público são os princípios que guiam as atividades jornalísticas na referida emissora. Para ampliar a relação com o entrevistado, o jornalista precisa sair da linguagem virtual e partir para a efetiva comunicação, fluidora da informação e da identidade.

Para Rovida (2015) nessa relação que envolve o mediador, fontes de informação e o público, a contribuição jornalística deve ser levada em consideração, estabelecendo uma espécie de afeto com o envolvido, abrindo mão das técnicas de produção, expandindo-se e apresentando coerência com a realidade. O profissional deve fazer a leitura do mundo, de modo que a fartura de informações, as trocas culturais e as facilidades tecnológicas do momento sejam vantagens que o jornalista deve aproveitar na hora da entrevista com o cidadão - espectador- reclamante, embora tudo isso dependa da maturidade do comunicador.

O jornalista precisa dos códigos de relação humana para eticamente se desempenhar na sociedade e edificar com solidez a interação social criadora. Se, um dia, tocar esta utopia, será efetivamente um agente de relação numa sociedade participativa, democrática. (ROVIDA *apud* MEDINA, 2015, p.84).

A aproximação do jornalista com o telespectador, receptor de suas notícias, ocorre justamente por causa da existência dos telejornais regional, onde é possível essa relação humana com a sociedade, exercida através das reportagens, muitas vezes sobre problemas sociais dos bairros a espera de solução por parte do poder público.

No terceiro capítulo, trataremos do surgimento das tvs regionais e telejornalismo regional, quais as contribuições para a comunidade local. A criação das tvs locais no município de Bauru e a vinda das afiliadas das grandes emissoras para a cidade.

4- TVS REGIONAIS E TELEJORNALISMO REGIONAL

Veamos a seguir uma introdução sobre o avanço das tvs regionais no país, sobretudo no Estado de São Paulo, iniciando uma trajetória de conquistas pelo interior com a criação das afiliadas – praças das principais emissoras em busca de interação com a população, atuado principalmente nas questões sociais, noticiando problemas que afligem os municípios afim de resultados positivos vindos do Poder Público. Abordamos também o surgimento das primeiras emissoras locais e o telejornalismo local de Bauru, objetivados a atender a comunidade em todas as editorias e questionamos qual a importância do município possuir diversos canais de televisão.

CÂNCIO (2005) sustenta que mesmo os telejornais transmitidos em todo o país apresentam extrema relevância pela divulgação de notícias de repercussão, em outro cenário surge à regionalização com espaço para emissoras afiliadas e suas programações locais.

As notícias locais de uma cidade, uma região tem sua própria repercussão. Logicamente quem fornecerá os assuntos são veículos de comunicação de nível nacional e jornais impressos e rádios locais. O autor cita a análise feita pelo jornalista televisivo Carlos Nascimento em 1996: “As emissoras exportam sua programação local para todo o restante do país quando o assunto é pertinente”. Afirma ainda que existem muitas inserções de notícias da praça, mesmo sendo em pequenos horários em várias partes do dia e que esse modelo estava prestes a mudar, pois os espectadores não se contentariam em receber reportagens de rede nacional, iniciando a luta por um jornal feito ali mesmo com notícias da comunidade, problemas cotidianos municipais, apresentados por um profissional local que enxerga o mundo com os olhos da região.

De acordo com Cândia (2005) *apud* Hall a construção das identidades culturais ocorre por meio da cultura, histórias, mitos compartilhados e reforçados por mensagens veiculadas na televisão. Sendo assim, o telejornal possibilita a participação individual em uma atividade coletiva. Esse laço social vem justamente por seu caráter efêmero e ao mesmo tempo pela valorização da liberdade individual de conexão com a realidade.

As ‘tevéis’ regionais começaram a ganhar força nos anos 90 incentivadas pelas matrizes a produzirem mais programas locais visando maiores ganhos com

publicidade. No início esses meios já apresentavam sinal bom na transmissão, captação melhorada e amplitude na cobertura de reportagens (Câncio, 2005). A tv regional pode servir para desenvolver perfis de cada comunidade, pode ser visto como veículo que vai solucionar os problemas do bairro.

A mídia regional e local existe desde que surgiram os primeiros meios de comunicação de massa no mundo. Peruzzo (2005) afirma que historicamente o rádio, a televisão e o jornal começam a atingir apenas uma abrangência próxima. Na Europa algumas comunidades autônomas, como a Catalunha, desenvolveram através da linguística e da cultura criaram seus próprios meios de comunicação. Segundo a autora, com o desenvolvimento da globalização chegou-se a discutir o fim da comunicação local, mas com o passar dos anos, mostrou-se o contrário, houve sua revalorização e a consolidação em diversas formas, principalmente a tecnológica.

A regionalização é fundamental para a sobrevivência de muitas emissoras, mas apesar do crescimento, muitas afiliadas ou tevês locais não conseguem manter programação própria e ainda ficam dependentes da grade nacional. Bazi (2001) destacou na ocasião a importância do Projeto de Lei nº 256/91 da deputada federal Jandira Feghali que tramitava no Congresso para votação desde sua idealização. Nele estava estabelecido que as emissoras nacionais deveriam produzir no mínimo 30% de programação regional para que a comunidade tenha acesso divulgação da informação e da cultura local. Em 1998 o relatório da Comissão Especial de Análise da Programação de Rádio e TV presidida pelo então Senador Pedro Simon, confirmou na época que a produção regional de televisão na qual tem por objetivo empregar, resgatar a cultura local e preservar a identidade regional, os valores e costumes, não estava sendo estimulada, recomendando-se um maior percentual de programação local, sendo de grande importância para o cidadão comum.

Projeto engavetado e assunto esquecido por anos pela classe política, até que em 2013 a Comissão Mista de Consolidação de Leis aprovou o anteprojeto do deputado Sérgio Zveiter que regulamenta o inciso III do artigo 221 da Constituição que tratava da produção artística e jornalística regionais. Praticamente o mesmo projeto proposto nos anos 90 por Feghali, mas que no momento acabou 'usurpado' por outro parlamentar. O texto determina os limites mínimos semanais de produção

regional e local a serem inseridos na programação das rádios e TVs, de acordo com o tamanho das localidades em que atuam.¹

Para Cancio (2005) as notícias locais tornam-se relevantes a medida que o receptor se volta aos acontecimentos próximos de sua região de interesse. Ele precisa saber sobre o bairro em que mora, se vai faltar água, se o órgão público consertou o vazamento, se o mato alto do terreno ao lado foi roçado, se falta médicos no posto de saúde mais próximo ou até mesmo sobre problemas com a coleta de lixo.

No contexto regional da linguagem Fernandes (2006) aponta que na TV é preciso ir além das linguagens autoritária e imperativa, como forma de não distanciar o espectador, dar voz as minorias, firmar a luta contra a violência, a miséria, o abandono.

A primeira emissora regional do país foi a TV Santos, afiliada da TV Paulista, fundada em 1957, pertencente as Organizações Victor Costa, transmitida pelo canal 5, dando grande passo na descentralização das emissoras televisivas do Brasil em uma época em que os sinais de transmissão eram precários. A emissora atingia 4 mil televisores em preto e branco na cidade litorânea. O um dos diferenciais era os equipamentos que deixaram de ser importados para serem fabricados na própria cidade. A TV Santos apresentava a programação local e também retransmitia a tv paulista. Um dos ícones da televisão brasileira, Hebe Camargo, foi descoberta neste canal. Embora tivesse uma grade parcial, saindo do ar diariamente às 15 horas, a TV Santos exibia o 'Telenotícias Discopa' e o 'Discopa Informa'. Não há estudos sobre o formato destes informativos.

A imprensa interiorana é apontada por muitos jornalistas como 'a voz da cidade', ou seja, a grande imprensa pode servir de informação para o mundo afora, mas são os diários, semanários, telejornais locais que privilegiam o morador do interior.

Cabral e Filho (2006) tomam como exemplo as afiliadas da Rede Globo, emissora de maior visibilidade no cenário nacional desde sua fundação no final dos anos 60. Suas afiliadas também acabaram ganhando evidências na audiência com a grade parcialmente legitimada, pois foi percebido que o público demonstrava preocupação com assuntos locais, além dos nacionais e mundiais.

¹ <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/COMUNICACAO/447465-COMISSAO-APROVA-REGULAMENTACAO-DE-PROGRAMACAO-REGIONAL-DE-RADIO-E-TV.html>.

Com isto, a aceitação do telejornalismo regional/local foi o aumento de programas jornalísticos que exibem os acontecimentos locais e das cidades vizinhas e não apenas da afiliada matriz. A Rede Globo começou a investir no conteúdo regional de seu jornalismo no final dos anos 80, com o objetivo de conquistar a fidelidade do telespectador, porém Silva (2005) ressalta que somente a partir de 1998 que o jornalismo exercido pelas afiliadas ganha destaque devido ao grande interesse de se observar a relação jornalista- população-autoridades na resolução de problemas dos municípios. Ainda de acordo com a autora, existem diversos estudos sobre telejornalismo regional, um deles é a pesquisa realizada por Lima (2001) na qual pesquisou sobre a regionalização do telejornalismo no Distrito Federal. Segundo ele, há certa dificuldade das emissoras em cobrir política local devido ao excesso de fontes oficiais que negam acesso a informações e também a abundância de opiniões sobre o mesmo assunto. E na contramão, o DFTV partiu para a linha editorial do chamado jornalismo comunitário ou, como foi mencionado no capítulo anterior, o projeto de jornalismo cívico, na qual a afiliada da Rede Globo apostou no confronto da população com as autoridades. Após análise o autor chegou a várias conclusões, entre elas de que o jornalista (repórter) exerce o papel social de fiscalizador e ouvidor, intermediando a rapidez das resoluções dos problemas apontados pelos moradores.

Peruzzo (2005) cita a EPTV da região de Campinas, Ribeirão Preto, São Carlos, além de alcançar Varginha no Estado de Minas Gerais, e a TV TEM nas regiões de Bauru, São José do Rio Preto, Sorocaba e Itapetininga que vêm ampliando sua grade regional/local e juntas chegam ao alcance de aproximadamente 710 municípios do interior paulista. Os programas produzidos localmente são telejornais curtos a partir da realidade e problemas cotidianos da comunidade.

Segundo Bourdieu (1997), o local se torna um território audiovisual que é marcado por recortes e reconstrução da realidade permitida através dos telejornais na qual se busca estabelecer espaço de pertencimento ao seu público e neste ambiente o receptor reconhece e convive com a mensagem na qual o meio de comunicação constituiu com o repertório simples, comum para se vincular à comunidade.

No entanto, mesmo a mídia se aportando na informação gerada dentro deste território de pertencimento e identidade, ela depende muito da linha editorial. Assim,

a inclusão das notícias locais pode ocorrer pela intenção de desbravá-las ou simplesmente por estar alinhadas com as notícias nacionais.

Peruzzo (2005) afirma que o jornalismo local revela algumas tendências. Os laços políticos são fortes e muitas vezes comprometem a informação de qualidade. Aponta a corriqueira tendenciosidade e a omissão dos fatos, pela ligação com o poder político e interesses econômicos de certos veículos. É daí que surgem os *press-releases* produzidos e emitidos pelas assessorias de comunicação dos órgãos públicos municipais e também privados. A autora cita como exemplo Morais (2003) que analisou a cobertura de um incêndio florestal por dois jornais impressos do Estado de Roraima em 1998 e constatou uma forma superficial sobre o acontecimento, desde produção na redação, a informação declarada oficial do poder executivo.

Os estreitos vínculos entre jornal e a política partidária deram a voz, exprimiram a imagem e sugeriram a ação...[..] O que se observa são posturas incorporadas ao cotidiano jornalístico que contribuem para o enviesamento tendencioso da notícia, ficando ausentes o contexto, a investigação e a profundidade...(PERUZZO, 2005, *apud* MORAIS, 2003, p. 7).

Com a experiência de analisar a cobertura, Morais (2003) chegou à conclusão de que as assessorias de comunicação locais são, na verdade, agentes diretos da notícia executando um jornalismo declaratório, preso as fontes oficiais. Por este motivo, o jornalismo local perde a oportunidade de explorar a proximidade com a comunidade, de trabalhar com a informação isenta e de atender todos os setores de interesse da população.

O local de referência e a impressão de pertencimento são sempre abordados por todo pesquisador do jornalismo e do telejornalismo regional e local. Vizeu e Correia (2006) afirmam que, para os brasileiros, os telejornais ocupam lugar semelhante ao da família, amigos, lazer, agindo como âncora das relações sociais. Os profissionais que atuam na produção, se envolvem com o jornalismo deveriam mostrar a realidade de acordo com sua visão de mundo, construindo uma nova ideia de ver os problemas cotidianos. Por isso, se torna mais necessária a apuração do profissional, ouvindo mais de uma fonte, tentando ser o mais objetivo possível. Quando existe interação comprometida com a cidadania a relação entre profissionais e telespectadores ela é de extremo significado. A participação da população nas sugestões das pautas permite proximidade com os problemas do

bairro, que na maioria das vezes envolve o poder público, onde é cobrado através da reportagem televisiva soluções imediatas.

Wolton (2006) evidencia que os que realmente assistem televisão, constroem uma familiarização com a programação exibida. E para mais um exemplo dessa confiança, mostra-se as TVs Betim- afiliada da Rede Minas e Alterosa – afiliada do SBT, localizada em Juiz de Fora. Nelas é priorizado o conjunto de valores e crenças direcionados ao telespectador mineiro que encontra sua identidade através das referidas emissoras.

4.1- Telejornalismo em Bauru

A TV Bauru, assim como a TV Santos também foi pioneira na região centro-oeste paulista, surgindo no final da década de 50, sob a responsabilidade de João Simonetti, italiano que primeiramente fundou uma estação de rádio no município, e que em 1958 conseguiu a licença para concessão de uma tv pública no interior de São Paulo. O radialista Paulo Sérgio Simonetti, neto do fundador, conta no documentário sobre os 40 anos desta emissora, produzido no ano 2000, que a Rebratel (empresa santista que produziu as primeiras tvs e aparelhos de retransmissão para a América do Sul) exigiu a venda de mil aparelhos receptores em Bauru para o canal ir ao ar. Pedido cumprido. A data oficial de estréia foi 1º de agosto de 1960. Segundo Simonetti, a estreia misturou a curiosidade das pessoas com a vontade de trabalhar em algo novo. Silva (2005) enfatiza que na época os profissionais de rádio migraram para a televisão e os improvisos nos programas obtiveram grande êxito, pois a criatividade era imprescindível devido a falta de recursos. Programas de auditório e jornalísticos, musicais e até novela foram exibidos. O ‘Nosso Jornal’, primeiro telejornal exibido pela emissora, teve como prioridade a cobertura dos assuntos locais concorrendo inclusive com as programações jornalísticas da TV TUPÍ. O jornalista e blogueiro bauruense Cardoso (2017) relata que em 1960 poucas pessoas tinham conhecimento do que era um televisor e se surpreenderam com uma emissora tendo programas ao vivo, pois não havia gravações. A transmissão era direta pelo canal 2 sem cortes. A emissora sob o comando da família Simonetti teve curta duração, devido a dificuldades financeiras, sendo vendida em meados de 1960 para as Organizações Victor Costa.

4.2- Afiliada da Rede Globo

A partir da data da aquisição para a nova empresa responsável, a TV Bauru ganhou a tecnologia específica para a gravação dos programas e edição de imagem. No entanto, o jornalista ressalta que atuação das equipes de rua não era uma tarefa fácil, cinegrafistas carregavam rolos de filmes para gravar as reportagens. Os telejornais e os programas eram produzidos por quem assistia, não havia requisitos de escolaridade para algumas ocupações e nem todos eram registrados. Advogados, dentistas, empresários apresentavam programas de entretenimento e jornalísticos no rigoroso ao vivo com muitos improvisos. Muitas vezes aproveitava-se para fazer propaganda comercial juntamente com a narração do telejornal. Os rolos de filmes foram utilizados até o início dos anos 80, quando surgiram as fitas de vídeo.

De acordo com Cardoso (2017) em 1965, as Organizações Victor Costa passariam o controle da TV Bauru canal 2 para as Organizações Globo. Foi construído um novo prédio ao lado dos estúdios da PRG-8 no jardim Bela Vista e os equipamentos da Rebratel foram substituídos. A programação local foi desativada e somente retornou em meados dos anos 70. Neste período de hiato, existiu uma ligação direta com as produções da Rede Globo do Rio de Janeiro e São Paulo. Todas as informações eram geradas das duas capitais. O sucesso das telenovelas aumentou a venda de televisores. A disputa pela audiência se tornou algo sério e em 1978 quando o vídeo tape chega a Bauru, segundo o documentário, o jornalismo retornaria com maior força, mantendo a proposta de regionalização, criando sucursais pelo interior, surgiram os repórteres recém saídos das universidades locais.

Durante todos esses anos, não havia concorrente direta na região centro oeste, a Rede Record implantou canal em Bauru somente no início dos anos 90. Nesta época a TV Bauru Canal 2 passou a chamar Rede Globo Oeste Paulista, criando a Central Globo de Afiliadas e Expansão. Houve a retomada do jornalismo regional neste período, com experimentos de novos formatos jornalísticos. Entrevistas em estúdio, utilização de links, promoção de campanhas sociais para a comunidade passaram a fazer parte dos telejornais da afiliada, chamados de SPTV. Nos anos seguintes cada afiliada passou a ter autonomia para gerenciar suas atividades, inclusive as jornalísticas. Em 1998, o nome TV Modelo foi adotado

devido o projeto “Regional do Futuro”, na qual a emissora integrante do projeto teria parceria com a Rede Globo na produção de conteúdo jornalístico. Os telejornais continuaram sendo repaginados, porém, sem a marca da rede nacional: Cenário de cidades ao fundo da apresentação, vinhetas novas, estabelecendo uma nova identidade visual. Silva (2005) afirma que um dos exemplos de identificação com o telespectador foi a prestação de serviços mostrada, como a previsão do tempo, cotação de preços de hortifrúti, quadro de ofertas de emprego, cursos e eventos culturais.

E de acordo com a autora, neste período, a audiência tornou-se prioridade nos telejornais, um canal foi aberto para sugestões de pautas, envio de elogios e reclamações e muitas pendências da comunidade foram resolvidas com as autoridades. A prática da cidadania não mais se aplicaria em questões de sindicatos e entidades de classe, mas, sim, no consumo de mensagens midiáticas num cenário globalizado, provocando rápidas soluções para os problemas sociais que afligem os moradores.

Neste constante embate entre prefeitos, associação de moradores, entre outros órgãos públicos, muitos problemas foram solucionados, pelo menos temporariamente. Como exemplo o recapeamento asfáltico das ruas de Bauru. (SILVA, 2005, p.121).

Em 2003 quatro emissoras de TV pertencentes à Rede Globo do interior do Estado de São Paulo foram adquiridas pelo empresário José Hawilla e passaram a se chamar TV TEM: inicialmente Bauru, Sorocaba, Itapetininga e São José do Rio Preto. Em 2005, ano de pesquisa de Silva, a TV TEM estava presente em 308 municípios, sendo uma das principais produtoras de conteúdo jornalístico do Estado. Hoje, data da presente pesquisa, segundo dados da própria emissora², são 318 municípios cobertos pelas afiliadas, sendo 49% de todo o território paulista.

4.3- Rede Record Paulista

Existe certa dificuldade em encontrarmos registros impressos e virtuais sobre canais de televisão que operaram em Bauru ao longo dos anos. Para a obtenção de dados, a tomar como principal fonte, a dissertação de Adriana Fernandes Silva (2005) que se tornou referência em pesquisas sobre o tema pela coleta de

² <http://redeglobo.globo.com/sp/tvtem/noticia/2013/09/confira-area-de-cobertura-da-tv-tem.html>.

depoimentos dos profissionais, além de informações oficiais nas páginas das emissoras.

Em 1992, a Rede Globo assistiu sua concorrente surgir na regionalização da informação. A Rede Record emissora mais antiga, fundada em 1953, iniciou uma importante fase com a venda de ações da emissora paulista para empresários da igreja Universal do Reino de Deus que adquiriram estações geradoras, retransmissoras e afiliadas em todo país, passando a integrar o sistema de satélite Brasilsat em 1990.

Com isto, o desejo de recolocação no cenário midiático nacional, fez com que a comprasse a TV São Paulo Centro.

Silva (2005) relata que em Bauru, no canal 4 operava a TV São Paulo Centro, que antes era ocupada pela TV FR (antiga Manchete e Bandeirantes) na qual teve duração de dois anos de programação. Seu proprietário Kleber Santos associou-se a outros investidores e fundou a São Paulo Centro, incentivando o jornalismo local com a produção de vários telejornais, sempre gravados, nunca ao vivo. O canal chegou a contratar sete editores de imagem para edição do material externo. Sua linha editorial objetivava atender as questões locais e regionais, disputando audiência com a Globo Oeste paulista. Foi ao ar até 1998.

Em 1999 com a compra das instalações físicas desta emissora, a Record passou investir na programação como na produção de noticiários e programas ligados a Igreja evangélica Universal do Reino de Deus.

Atualmente a emissora totaliza 108 afiliadas espalhadas pelos 26 Estados e no Distrito Federal. Em São Paulo e interior paulista são seis operadoras.

O primeiro telejornal produzido pela afiliada da Rede Record em Bauru foi o Record Cidade que tinha na sua linha a prestação de serviços e o jornalismo policial com característica sensacionalista³ para a comunidade. Em 2003, a afiliada criou o “Record Urgente”, em que suas reportagens relatavam roubos, assaltos e homicídios através de entrevistas com policiais e envolvidos nos crimes. O apresentador tinha autonomia para emitir opiniões, fazer publicidade além da interação com um repórter em meio a população em algum cenário municipal. Neste quadro, qualquer pessoa poderia expor seus problemas. O telejornal era exibido de segunda a sexta-feira, ao

³ Tipo de postura editorial adotada por determinados meios de comunicação, que se caracteriza pelo uso exagerado de determinadas expressões. É definido pelo forte apelo emotivo e por imagens chocantes na cobertura de um fato.

meio dia, com duração de uma hora. Às sete horas da noite, a afiliada da Rede Record exibia o Informe São Paulo, telejornal com reportagens locais e regionais. Recentemente, foi adotado um novo nome para o programa Record Urgente: Balanço Geral, que apresenta denúncias sociais, problemas regionais e bairristas como saúde pública, transporte, segurança, habitação entre outras questões comunitárias. Segundo o site da afiliada, o objetivo do programa jornalístico é dar espaço para a comunidade reivindicar seus direitos, intitulando-se como instrumento de comunicação a serviço do interesse público para resolução de problemas. Atualmente, é exibido entre o meio-dia e duas horas da tarde de segunda a sábado.

A cidade de Bauru é um cenário diferenciado em relação à cobertura jornalística. Possui apenas um jornal impresso de circulação, porém tem diversos canais de radiodifusão, que realizam programas de informações, repercutindo o que acontece no cotidiano. E isso está disponível tanto em canais de sinal aberto como em canais a cabo. Destacamos a TV Preve, emissora fundada em 1995, que funciona com licença de canal educativo; a TV Câmara, que atua como canal legislativo; as TVs FIB, UNESP, UNIP e USP, que são canais universitários, gerando também a programação local.

Silva (2005) ressalta que alguns canais não dispõem de unidades gerenciais físicas, mas que não deixam de realizar reportagens sobre Bauru, como o SBT Centro Oeste Paulista, com sede na cidade de Jaú e a TV Bandeirantes cujo a sede regional está localizada em Presidente Prudente.

5- MANEIRAS DE FAZER NOTÍCIA

Neste capítulo, apresentamos o dia-dia da notícia feita pelos profissionais da reportagem a partir da existência de um fato, que pode ou não ser relevante e atingir maiores proporções.

Souza (2006) enfatiza que a TV regional por questão de sobrevivência adota o 'calor humano'. Esta é uma reflexão sobre a relação com o público, começando pela pauta 'democrática', que deve ser discutida sempre em grupo, no coletivo. Segundo o autor, ela não existe como um formato pronto, padronizado, pois, a pauta é sensível aos problemas cotidianos, expressando pelo menos cinco dimensões: a tarefa de ser cumprida, o consenso da empresa, o processo, a seleção das fontes e informação, além da questão pedagógica.

No entanto, a participação do cidadão poderia ser mais assídua, fazendo-se presente nas reuniões de pauta, planejamento de conteúdo, reuniões de avaliação, mas, infelizmente, os cidadãos ficam às margens dos processos decisórios da emissora, restando terem reconhecimento através das sugestões de pauta onde as demandas locais são atendidas diante do exercício de cidadania e do civismo dos próprios moradores.

Peruzzo (2005) ressalta que o veículo se ancora na informação gerada dentro do ambiente, dada localidade ou região, onde ocorre a identificação dos moradores. Assim, a inserção da notícia pode acontecer com a finalidade de resolução de problemas locais ou, apenas, seguir a demanda de pautas nacionais reaproveitadas no aspecto regional, dependendo da linha editorial da emissora.

Diante do aspecto jornalístico, a linha e a política editorial das redações, muitas vezes, dominam o profissional e, com isso, o controle social no local de trabalho impera, de acordo com a observação de Breed através de Vizeu (2003) enumera diversos motivos que fazem o jornalista se conformar com as normas internas entre elas autoridade institucional e sanções; sentimento de dever e estima com os superiores; aspirações profissionais; o fato de a notícia ser transformada em valor. O autor define que no cotidiano o jornalista determina seus valores de acordo com o que é discutido na redação.

Na captação de notícia no telejornalismo regional, é levada em conta a identidade local construída em grupos ou individualmente, atreladas ao sistema de representação, como associações de moradores. Sendo assim, os símbolos

transmitidos através do telejornal local auxiliam na identificação das relações de pertencimento que as emissoras tentam estabelecer com seu público-receptor.

Tomamos como exemplo um morador da zona norte que usufrui dos mesmos direitos do residente na zona sul. Logo, constata-se que seo João ou seo Mauro são boas notícias. E isso pode ser confirmado por Silva (2013), jornalista e professor da Universidade de Brasília, que observa que a relação imprensa - público que durante muito tempo foi distante, acabou sendo revertida e comemora a vez do povo ter um sentido positivo, de aproximação, de pertencimento e expressa que uma das marcas da imprensa deveria ser justamente a abertura, o espaço ao cidadão. “Logo a mídia prioriza o cidadão como foco de uma série de pautas, orientadas, sobretudo, pelo que é de utilidade pública, passando pelo que está no cotidiano e nas agendas” (SILVA, 2013, edição 766).

5.1- Noticiabilidade

A filtragem das informações está diretamente alinhada à construção da notícia. E as notícias recebem tratamento diferente em cada veículo de comunicação, porém, na televisão o número de notícias levado ao ar é menor devido as características do meio. Os noticiários propiciam diferentes visões dos acontecimentos, apresentando versões que podem, muitas vezes, comprometer a análise, através de pontos de vista diferentes para o telespectador.

Segundo Wolf (1999), o conceito de noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos que os veículos de comunicação têm a responsabilidade de escolher diariamente, um número imprevisível de fatos que poderão se tornar notícia. Segundo o autor, significa que a empresa pode controlar a quantidade e a qualidade de acontecimentos.

Vizeu (2005) em sua pesquisa considerou amostra indicativa do que chamou de situação normal de funcionamento das redações: duas equipes realizando duas edições de telejornais do RJTV do Rio de Janeiro, noticiário televisivo regional pertencente à Rede Globo, salvo as folgas, feriados e finais de semana e que no período pesquisado do autor, os profissionais se depararam com vários gêneros de notícias, desde as duras, até as que teriam desenvolvimento.

As notícias tidas como duras são factuais, que não perdem a atualidade, como as notícias de polícia. As notícias súbitas são os acontecimentos não

programados, devendo ir ao ar com imediata rapidez, como um incêndio na hora do fechamento do telejornal, isto gera mudança na ordem dos assuntos a serem noticiados por causa do fato prioridade. Já as notícias em desenvolvimento segundo Vizeu (2005), são os fatos que se referem à cobertura de situações de emergência, ou seja, que terão desdobramento, citando como exemplo casos de tragédias envolvendo aviões e navios em que o número de vítimas pode aumentar, ou existem diferentes hipóteses de motivos. Por fim, as notícias sequências são aquelas que já estão pré-estabelecidas, sendo exemplo as coberturas políticas: votação de reformas do Congresso e sessão de câmaras municipais. Todos esses gêneros são filtrados conforme os critérios do que deve tornar-se ou não notícia.

Soares e Oliveira (2007) ressaltam que a relação entre jornalista e suas fontes também é uma forma de seleção de notícias, o que pode interferir na produção.

Antropologicamente falando, a comunidade jornalística é uma tribo, e as características e ideologia dessa tribo são um fator crucial na elaboração do produto jornalístico, na definição da agenda jornalística. (SOARES; OLIVEIRA *apud* TRAQUINA, 2007, p.8)

Os valores notícia são componentes da noticiabilidade. Soares e Oliveira (2007) afirmam que se forem levados em conta o aspecto capitalista, as notícias são produzidas para serem vendidas, atendendo as exigências do consumidor receptor, que sempre estará à procura de informações atraentes que ofereçam benefícios. Os autores apontam quatro critérios relacionados ao conteúdo, a disponibilidade de material referente ao produto informativo, ao público e a concorrência, que segundo Wolf, justifica os valores - notícia conforme os meios de comunicação:

1. *O grau e o nível hierárquico dos envolvidos no acontecimento a ser noticiado* - quanto mais envolvimento o fato tiver com as pessoas e instituições, mais parecerá noticiável para o jornalista;
2. *O impacto sobre a região e o interesse da notícia* - segundo o autor, as técnicas as produções jornalísticas consideram os fatos que dizem a respeito do país ou da região, apreciando o valor da proximidade, priorizando as informações que se referem ao 'mundo do receptor da notícia', mostrando o 'mundo que o cerca';
3. *Quantidade de pessoas que o fato envolve* - a visibilidade é o principal valor ao noticiar um acidente que envolva muitas pessoas, considerando a questão regional, ou seja, um acidente local com um número limitado de

vítimas tem maior impacto que outro acidente com grande número de feridos, mas que aconteceu em uma região bem distante;

4. *Relevância de um acontecimento em relação a situação mostrada*- São notícias que apresentam continuidade, conforme já citada, a coberturas de votações no Congresso;

A pesquisadora Zélia Aghirdini (2004) se preocupou em mostrar como os profissionais do jornalismo estão mais dependentes das fontes oficiais, chamando de jornalismo 'sentado'. Segunda autora, a informatização das redações fez com que os jornalistas desempenhassem múltiplas funções, como a realização tarefas pela internet, sem precisar sair do local, ficando a mercê das agências de notícias e releases, isentando-se de investigar o fato e subestimando a realidade que os cercam.

No entanto, Bueno(1984) já assinalava para o futuro das fontes vindas de agências como algo positivo, principalmente vindas de movimentos sociais, que segundo o autor, são deixados de lado pela maioria dos veículos de comunicação. A disponibilidade de vídeos, releases, fotografias torna-se opção de pesquisa para o jornalista, reforçando a importância desse tipo de profissional de assessoria.

Ao deparar-se com este fenômeno, Chaparro (2000) o tratou como consequência as relações humanas globalizadas, pois observa que as fontes não retinham ou detinham informações como antigamente, no final dos anos 80 elas passaram a ser produtoras de conteúdos atribuídos a notícia. Este grupo conquistou espaço no meio jornalístico, agindo como provedores de notícias, reportagens e até artigos.

Vizeu (2005) destaca que com a chegada da tecnologia as formas de se produzir a notícia mudam de acordo com essas inovações: fluxo de informações via internet com as redes sociais alimentando fatos que precisam de checagem para atestar a veracidade, sites de divulgação simultânea desafiam a produção nos tradicionais veículos de comunicação fazem com que os valores notícia sejam muitas vezes reajustados e redefinidos.

5.2- O trabalho da equipe jornalística na construção na reportagem

O conceito de reportagem (em comparação com a notícia) está na característica do aprofundamento do fato, ampliando o assunto-notícia que, de

acordo com Comassetto (2001), não precisa necessariamente da atualidade. A reportagem oferece detalhes e contextualiza aquilo que já foi anunciado.

Lage (2003) relata que no século XIX a Europa mudou as condições de se fazer jornalismo no mundo, devido as revoluções, e a chegada das impressoras rotativas, o público que lia jornais impressos aumentou e as redações não podiam mais continuar publicando apenas ficção, era preciso abraçar a realidade, adotando mudanças progressivas ao estilo das matérias produzidas. Surgia a reportagem e a profissão do repórter. Novas técnicas foram adotadas na escrita, aproximando-a do uso oral da língua. Segundo Lage, descobriram-se os títulos e as notícias em primeira mão, chamadas de *furos*, ou seja, o jornal que publicasse uma notícia antes dos concorrentes conquistava a preferência do leitor e a credibilidade da sociedade europeia. O autor relata em seu livro 'A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística' que os repórteres passaram a ser odiados, bajulados e temidos, já que a reportagem passou a mostrar os problemas até antes escondidos. Mas, foi nos Estados Unidos que a jornalismo virou técnica, entre o final do século XIX e início do século XX, com o fim da guerra civil e da escravatura. Os jornais se disseminaram no continente americano.

Ao aprofundar seu conteúdo e dar-lhe senso crítico, a reportagem preenche os vazios deixados pela notícia. São os detalhes, frutos de uma investigação mais demorada que são os diferenciais em comparação com a notícia. Lage atenta que para se fazer boas reportagens é necessário dedicação e equipe disposta a produzir com o olhar do receptor.

Retomando ao estudo de Vizeu (2005), no período em que especialista realizou sua pesquisa nas redações do RJTV, acompanhou a rotina da redação, desde a reunião de pauta, a distribuição dos assuntos que virarão reportagens para que os repórteres possam sair à rua. Uma nova reunião é feita com as chefias para a distribuição das matérias (que a equipe externa está cumprindo) e ordem dos denominados *vts*⁴. No final da manhã, pode-se constatar maior movimento na redação pelo fato de estar se aproximando a exibição ao vivo. A equipe externa retorna da rua com o material produzido e os editores de texto se apressam para editar na ilha de edição e na *switche*⁵. Vizeu observou que a tensão aumenta cada

⁴ Reportagens externas que depois de serem editadas são chamadas de *vts*.

⁵ Sala de controle onde trabalham o Diretor de TV, sonoplastas, operadores de VT, GC e o editor-chefe do telejornal no momento em que o programa está no ar.

vez que se aproxima a hora do telejornal ir ao ar. E a hierarquia demonstra alívio quando o programa termina.

Notou que, após o final do noticiário jornalístico, editores, produtores, editores-chefes e chefias de reportagens se reúnem para uma avaliação do jornal do dia e iniciam os preparativos para o telejornal do dia seguinte. Finaliza-se o expediente. Percebe-se a sensação de dever cumprido.

Entre os aspectos levantados por Vizeu durante a observação foi de que a rotina diária afeta o desempenho do trabalho dos editores de texto, ansiosos em terem que seguir o *espelho* – cronograma do que será exibido no telejornal, na hora de editar as matérias que vão ao ar.

Outro aspecto foi para o apresentador do telejornal. A função não é mais aquela, considerada de ‘locutor’ estilo Cid Moreira, que antigamente apenas lia a notícia no *teleprompter*. Atualmente, este profissional tem participação efetiva no telejornal, desempenhando a função de editor, tendo total conhecimento sobre o que vai ler, por ter acompanhado o processo de produção.

Notoriamente, aos sábados as notícias dos telejornais costumam ser mais ‘frias’ que durante a semana, pois os órgãos públicos municipais, estaduais e federais que enviam releases e servem de fonte para a reportagem não tem expediente. Neste caso o editor-chefe orienta para que deixem matérias de gaveta, que são reportagens produzidas no dia anterior.

As boas imagens não podem ser esquecidas na construção da reportagem, é delas que vem a aprovação de uma matéria. As imagens são imprescindíveis na construção da reportagem, pois muitas vezes o telespectador não interpreta os textos jornalísticos. É necessário a imagem para conciliar com o que é noticiado. Já diz o ditado: imagem é tudo! E isso se deve ao trabalho exercido pelo cinegrafista que com sua câmera acompanha o repórter na rua.

Na conclusão de sua pesquisa Vizeu assegura que, diariamente, os editores estão driblando os imprevistos, as dificuldades. O editor-chefe está sempre preocupado com o fechamento do telejornal, com a falta de matérias que podem prejudicar o andamento. Os editores, preocupados com o tempo, não podem refazer o material levado pelos repórteres de rua, que muitas vezes está incompleto. E, diante da observação, constatou a necessidade de um elemento fundamental na rotina jornalística: os valores - notícia, sendo difícil entender os critérios de seleção só como uma escolha subjetiva do jornalista, quando os valores-notícia deveriam

estar relacionados com a produção. Outra característica notada foi que a noticiabilidade da notícia é diretamente negociada entre os editores-chefes, subchefia de reportagem e editores de texto os fatos que podem ser noticiáveis. E essa busca infinita pela melhor matéria ou para não faltar reportagens no telejornal é vista pelo autor como desgastante tanto para o profissional quanto pela empresa. No RJTV, se o jornal não ocupar todo espaço já definindo na grade, ele irá alterar toda a programação da Rede Globo, invadindo o horário comercial, gerando consequências para os anunciantes publicitários. O mesmo acontece quando o telejornal estoura o horário, a programação da rede afiliada é atrasada, por que o tempo dos telejornais é cronometrado em frações de segundo.

Vizeu reconhece que a pressão pelo telejornal perfeito, realizado pelas afiliadas da emissora considerada a maior do país também apresenta perigos na organização jornalística da redação, afetando em muito a competência dos jornalistas, principalmente da equipe que saiu a rua e retornou com as matérias diante de seus superiores. E diante da situação, a alternativa desses profissionais é o uso da objetividade, estratégia que frequentemente protege os profissionais se serem criticados pelos erros, por mais que sejam erros comuns.

Neste sentido, a rotina jornalística também será abordada nesta dissertação, no que diz respeito aos valores jornalísticos dos profissionais da reportagem local de duas afiliadas da Rede Globo e da Record Paulista, onde a pesquisadora terá como referência entrevistas com editores-chefes, produtores, repórteres e cinegrafistas a fim de continuar compreendendo a produção das notícias de âmbito social.

6- METODOLOGIA

Esta dissertação utilizou-se da revisão bibliográfica com as quatro fases que apresentaram os conceitos de jornalismo e sua contribuição para a sociedade; o termo civismo no jornalismo e no telejornalismo e sua aplicação; a definição de telejornalismo regional, a forma de exercê-lo; a rotinas jornalísticas e a construção

da reportagem, todo o conteúdo foi importante tanto para análise e para as considerações finais como também para expansão do conhecimento desta pesquisadora. A pesquisa bibliográfica é a etapa inicial do trabalho científico, e é através dela que irá se desenvolver as próximas fases.

Na parte empírica da investigação foram realizadas entrevistas semiestruturadas junto aos profissionais que atuam na 1ª edição dos telejornais das afiliadas da Rede Globo e Rede Record, localizadas em Bauru, além da descrição do conteúdo para a análise interpretativa a fim de obter os resultados esperados.

6.1- Do objeto de pesquisa

O engajamento teórico e o compromisso social são fatores relevantes na escolha e na prática da pesquisa. Portanto, esta dissertação coloca como problema de investigação algo que parece estar subjetivo no dia a dia dos profissionais do telejornalismo: a responsabilidade social dos profissionais no exercício da reportagem diária. A hipótese é decifrar se existe de fato uma inquietação dos jornalistas quando saem às ruas com a responsabilidade de entrevistar moradores sobre problemas do bairro a fim de que sejam resolvidos pelos órgãos públicos. Quem define esse assunto e qual intenção teria? Qual a relação que os profissionais da notícia têm com o cidadão? Existe responsabilidade social diante de reportagens de interesse da população como saúde, meio ambiente, segurança pública? Seria uma forma e praticar o jornalismo cívico, tanto o profissional como a empresa? Quais os assuntos mais relevantes na definição das pautas dos telejornais locais de duas afiliadas das emissoras Rede Globo - TV Tem e Rede Record - Record Paulista?

Para isto, a pesquisadora realizará entrevistas semiestruturadas, com equipes que atuam na 1ª edição dos telejornais das emissoras afiliadas.

6.2- Técnicas de entrevista em pesquisa em comunicação

Para entender as técnicas de entrevista na Pesquisa em Comunicação, é preciso conceituar o método.

Rovida (2015) afirma que a pesquisa comunicacional não pode se estruturar somente em reflexões teóricas, por isso, a pesquisa de campo visa ir ao mundo do entrevistado, compreender seu cotidiano, mesmo as realizadas via e-mail.

Do mesmo modo, pode-se entender que a técnica da entrevista como elemento da etnografia. Pereira destaca a precisão de relativizar a relação entrevistador-entrevistado e não se restringir a coleta de 'boas declarações'. O autor salienta que é necessário fazer com que o entrevistado reflita sobre a prática jornalística, sua identidade em um contexto de interação com o pesquisador.

Recorre-se a referida técnica quando se tem a necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registros ou fontes documentais, podendo ser fornecidas informações por determinada pessoa e sua profundidade pode ter resultados valiosos na produção de uma pesquisa.

É de consenso entre os estudiosos que uma entrevista de pesquisa com jornalista se estruture fundamentalmente a partir do papel entrevistador e entrevistado e dos estatutos de pesquisador e jornalista, ou seja, transformar a interação em conversa informal, rompendo com a impressão de artificialidade da pergunta-resposta.

Britto Junior; Feres Junior (2011) observa que a entrevista por ela mesma não sustenta uma pesquisa e não pode ser vista como único método de investigação. A descrição deve ser utilizada juntamente com a coleta de dados ou revisão bibliográfica e interpretá-los para chegar aos resultados esperados.

Manzini (2012) analisou 77 dissertações e teses para verificar como a técnica de entrevista era utilizada em cada pesquisa. Constatou-se que a entrevista semiestruturada foi aplicada em 70% dos trabalhos de conclusão, com roteiro de perguntas, porém, ao examinar, notou que 42% não haviam registrados como as entrevistas foram realizadas, 57% utilizaram de gravações. O estudioso ressalta que esse dado é muito importante para verificar a autenticidade das falas do entrevistado e credibilidade científica para o processo de análise dos dados.

Foi desenvolvida pesquisa de campo fazendo uso de entrevistas semiestruturadas. A ideia inicial seria o local de trabalho das fontes, mas foi autorizadas entrevistas via e-mail com os profissionais. Pereira (2013) considera a entrevista como interação simbólica, em um momento importante em que são expressos sentimentos e motivações, interpretações sobre o mundo, pontos de vista e identidades sociais. Na visão de Britto Junior e Feres Junior (2011), a entrevista

permite ao pesquisador a extração de dados relevantes que enriquecem o trabalho científico. Citam Ribeiro (2008) sobre a entrevista tornar-se pertinente quando o pesquisador necessita obter informações a respeito de seu objeto, permitindo conhecer as atitudes e valores subjacentes ao comportamento. Para o autor, significa ir além das descrições, aperfeiçoando a interpretação dos resultados, mesmo a entrevista por questionários semiestruturados e a que contem perguntas e respostas, essas também permitem grande riqueza informativa.

6.3- Elaboração das entrevistas

A equipe externa que compõe as edições dos telejornais nas afiliadas do município de Bauru é formada por produtores, repórteres, cinegrafistas, todos sob a supervisão do editor-chefe, que conseqüentemente segue as ordens dadas pelo diretor executivo ou gerente de jornalismo. Assim vemos as principais posições na produção do telejornal.

⁶- Diretor Executivo ou gerente de jornalismo: Comanda o departamento de jornalismo, definindo a linha editorial dos telejornais;

- Editor-Chefe: responde pelo telejornal, deixando impresso sua personalidade na produção;

- Produtor: Responsável pelas pautas e por transformar o roteiro em realidade. Pensa nos assuntos e nas imagens que serão realizadas pela equipe externa (rua);

- Repórter: Responsável pela realização da reportagem que se tornará matéria;

- Cinegrafista ou repórter cinematográfico: atua em parceria com o repórter. Literalmente são os 'olhos da reportagem', pois é responsável pela captação das imagens do que será mostrado ao público.

Neste sentido a presente pesquisa se dará pelas entrevistas com:

Equipe do Tem Notícias -1ª edição (TV TEM)

- Editor-Chefe - Fábio Leopíssi

- Coordenadora de Produção - Ana Luiza Jacques

⁶<http://telejornalismouniube.blogspot.com.br/2010/03/departamento-de-jornalismo.html>.

- Repórter - Giuliano Tamura
- Cinegrafista - César Evaristo

Equipe Balanço Geral - (Record TV Paulista)

- Editor Chefe - Tânia Guerra
- Produtor - Bruno Mestrinelli
- Repórter - Alexandre Colim
- Cinegrafista - André Cremonez

- Questionários

Editores-chefes

- Como são definidos os assuntos da pauta do telejornal da primeira edição?
Existem preferências para os problemas sociais dos bairros?

- A linha editorial do veículo de comunicação permite liberdade para fazer um jornalismo voltado aos problemas sociais?

- Qual o grau de proximidade/vínculo da emissora afiliada com a sociedade/comunidade bauruense?

- Você como profissional e cidadão acha que existe um compromisso com a sociedade na hora de 'fazer a notícia', ou apenas é cumprido as obrigações jornalísticas da emissora?

Produtores

- A produção prioriza fontes dos bairros na hora da pauta?

- Quais são os principais problemas que afligem a comunidade/ os moradores em Bauru?

- Como é a relação da produção com as fontes?

- Qual a importância de mostrar os problemas e ouvir tanto a população como o poder público?

Repórteres

- Existe o compromisso do repórter com o cidadão diante dos problemas sociais mostrados na reportagem?

- Espera-se por resultados satisfatórios ou simplesmente cumpre o papel de informar o problema?
- Qual o vínculo do profissional com a cidade de Bauru? Participa de atividades sociais fora do ambiente de trabalho?
- Qual o papel do jornalista de televisão na sociedade, na sua visão?

Cinegrafistas

- Qual o significado das imagens em sua profissão?
- O que sente diante de tais problemas sociais que afligem a sociedade e qual a responsabilidade da captação de imagens nesses casos?

6.4- Realização das entrevistas

O primeiro contato com a gerência de jornalismo da TV TEM foi realizado no mês de abril, respeitando o cronograma do projeto de pesquisa. Na reunião, houve o consentimento do pedido de autorização ser enviado para a sede de Sorocaba em meados do mês de Junho. Na data sugerida, enviei o relatório explicativo juntamente com o pedido de autorização. Um mês e meio depois, foi autorizado entrevistas via e-mail com os profissionais. Sem questionamentos. O primeiro a atender a pesquisadora foi o repórter e apresentador Giuliano Tamura, que possui um contato mais aberto, possibilitou retorno com mais perguntas que não integravam o roteiro.

Houve demora em relação aos demais profissionais do Tem Notícias 1ª edição. No final de agosto se concretizou com todos.

Com a equipe do Balanço Geral da Record TV Paulista a aplicação passou pela aprovação da gerência de jornalismo da afiliada de Bauru sem a necessidade de ser enviada para São Paulo, embora também tenham preferido via email para não 'atrapalhar' o serviço da equipe de reportagem externa. O gerente de jornalismo, Luiz Piratininga recebeu o questionário em meados do mês de agosto e se comprometeu a repassar aos profissionais e ao término, recolher para enviar a pesquisadora. Houve demora parcial, mas no dia 31 chegou ao e-mail da pesquisadora.

A seguir vamos apresentar a análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com os profissionais, com perguntas previstas no roteiro e sem interferência da pesquisadora.

6.5- Análise

A análise interpretativa das entrevistas teve duas etapas utilizando-se dos conceitos e teorias apresentados na revisão bibliográfica, apontando os pressupostos das análises. Todo o referencial teórico apresentado procurou responder as inquietações da pesquisa, e depois, considerando a vivência dos profissionais, realizamos uma análise mais profunda sobre suas convicções. Primeiramente, com as respostas dos profissionais do Tem Notícias 1ª edição da TV Tem e da equipe do programa jornalístico Balanço Geral da Record TV Paulista, em seguida uma análise dos dois questionários, com base nas implicações sobre responsabilidade social do jornalista e sua fundamentação teórica. De acordo com Severino (2002) a finalidade da análise interpretativa é buscar significado do texto em relação a área de conhecimento, identificando nas entrelinhas o que deve ser relacionado com a fundamentação de argumentos, refletindo profundamente a respeito do tema ou mensagem do texto. Para o autor, é importante relacionar as ideias expostas com o contexto científico, recorrendo também a outras fontes. Uma posição pessoal pode ser adotada com fundamentos relacionados ao conteúdo estudado, apresentando argumentos lógicos e convincentes.

1ª Análise

Rosto conhecido telespectadores de Bauru e também da região, o repórter e apresentador Giuliano Tamura, integrante da equipe da 1ª edição do jornal Tem Notícias contou sobre sua paixão por informar diariamente o cidadão sobre tudo o que acontece. Essa é a sua missão, segundo o repórter. Questionado se existe o compromisso do repórter de rua com a comunidade diante das reportagens que mostram os problemas sociais, respondeu que se o repórter não demonstrar importância com o problema que vai retratar na reportagem, ele não está cumprindo seu papel. Papel este de lutar e esperar por resultados significativos e satisfatórios através da reportagem realizada. Falta d'água, falta de medicamentos e iluminação pública precária, são alguns dos exemplos em que ao serem retratados, espera por

soluções vindas do poder público. E garante que esses registros são motivadores para prosseguir no caminho da notícia.

Tamura, que é natural da região centro-oeste paulista, tem mais de 15 anos de carreira e passou por várias praças da Rede Globo no interior, confirmou a importância do vínculo do profissional com a cidade fora dos bastidores do jornalismo. A sua vida pessoal é bastante ativa devido o engajamento junto com a família em grupos da igreja católica de Bauru. Sobre o papel do jornalista de televisão na sociedade ele afirma na entrevista que o papel de todo jornalista, independente de qual veículo de comunicação é mostrar a realidade e a situação na qual o cidadão está inserido. Confira trecho da entrevista:

A nossa principal função é fomentar a visão crítica das pessoas para o que nos rodeia. Por isso temos uma missão, a de informar a sociedade para que o cidadão possa fazer juízo de valor dos fatos e ter um posicionamento [...] Hoje precisamos ser polivalentes para encarar o mercado e comprometidos com a verdade e justiça social. (GIULIANO TAMURA, repórter, agosto de 2017).

O olhar social sobre a comunidade é a linha editorial da Rede Globo em Bauru, segundo o editor-chefe da 1ª edição do telejornal, Fábio Leopissi. Os problemas sociais em torno dos telespectadores devem ser abordados não somente nesta edição, mas em todas as edições dos telejornais da afiliada Globo em Bauru. À exemplo do repórter entrevistado, o editor-chefe enfatiza a responsabilidade social da empresa e de seus profissionais para com o público receptor. Vejamos:

Os moradores das 100 cidades da nossa área de cobertura precisam se enxergar nas edições. É fundamental que eles se sintam representados e vejam nos nossos repórteres e no apresentador pessoas que estreitam a relação entre eles e o poder público. É nossa obrigação fazer essa ponte. (FÁBIO LEOPISSI, editor-chefe, Agosto de 2017).

Sobre o grau de proximidade/vínculo da emissora afiliada com a comunidade bauruense, Leopissi ressaltou que por ter o caráter mais comunitário, a linha editorial da emissora permite mais liberdade para mostrar os problemas sociais e cobrar da autoridade responsável uma solução, exercitando aproximação com a comunidade diariamente. Por este motivo, explica que auxílio da população contribui em muito para a resolução dos casos, destacando a interação do público-morador através das redes sociais como meio de aproximação com a sociedade.

Na última questão sobre a existência do compromisso social do profissional na hora de produzir a notícia ou o comprimento do papel de informar, ele compartilha a sensação que o acompanha e também sua reafirmação como

profissional toda vez em que consegue colaborar para melhoria na vida de um cidadão, para que um problema reclamado seja resolvido.

Mesmo que essas pessoas nunca saibam que, no desenvolvimento da minha função, eu aprovei e decidi mostrar aquele problema. Essa é nossa função: mostrar a verdade, escancarar o problema, cobrar a solução e em 90% dos casos não receber um “muito obrigado” e mesmo assim sentir prazer em acordar no dia seguinte e fazer tudo outra vez.(FÁBIO LEOPÍSSI, editor-chefe, 2017).

A produção das pautas que resultarão nas reportagens que vão ao ar na 1ª edição do Tem Notícias, é de responsabilidade de Ana Luiza Jacques. A coordenadora explica que a afiliada prioriza o contato com as fontes oficiais, principalmente quando tiver relacionado com os bairros, pois a fonte local vive o cotidiano, consegue trazer a vivência e os problemas relatados por aquela comunidade de uma forma mais fiel. Ana Luiza contou que ao atender os diversos telefonemas na redação, nota-se uma maior preocupação e reclamação dos moradores com problemas relacionados à saúde como falta de vagas na UTI, falta de médicos nas unidades de pronto-atendimentos, bem como infraestrutura - falta de asfalto nas ruas e pedidos de melhoria na questão da segurança.

Questionada sobre a importância de mostrar os problemas e ouvir tanto a população como também o poder público, ela destaca o dever que todo jornalista tem de ouvir, apurar, desbravar e relatar o que acontece entre a população e o poder público, para que os dois lados sejam retratados na matéria.

A visão do cinegrafista, responsável pela captação das imagens que ilustram a reportagem também deve ser respeitada. Por isso entrevistamos César Evaristo, que se definiu ser um apaixonado pela profissão. Em sua opinião, as imagens significam muito além da reportagem, devido a isso, tenta captá-las da melhor maneira possível e transmitir o que está acontecendo no momento. Relata que muitas vezes sente-se indignado por estar diante de problemas sérios, revoltantes na qual sua responsabilidade aumenta, e lamenta que se levar ao ar uma imagem superficial do fato, o telespectador não vai compreender a situação. Na pergunta sobre a liberdade na captação, ele responde que pelo lado da empresa (emissora) há total liberdade, porém, os empecilhos cotidianos no lugar da reportagem o impede de captar a melhor imagem e que muitas vezes os cinegrafistas em geral são proibidos de exercer a profissão. A pesquisadora indagou sobre o motivo, ele se

referiu aos próprios moradores que demonstram certas atitudes diante de situações difíceis.

Entrevistas com profissionais do Balanço Geral – Record TV Paulista

Alexandre Colim, repórter de rua com passagens pela Record São Paulo, relatou na entrevista, a existência do compromisso social com o cidadão quando o profissional da reportagem se envolve com o fato, dando mais consistência a notícia. “Quando existe envolvimento do repórter a matéria fica mais encorpada”, avalia”.

O repórter foi objetivo quando indagado sobre a satisfação no resultado das reportagens, opinando que o resultado é satisfatório quando é resolvido e o ato de informar contribui para a solução. Colim contou que como iniciou sua carreira em Bauru, sua relação com a cidade é de total vínculo, pois participa de atividades sociais fora da tv. Sobre o papel do jornalista televisivo na sociedade, o repórter afirma que com o todos os profissionais de televisão tem o papel de informar, o repórter deve ter em sua mente o compromisso de ‘lançar luz’ sobre os mais variados problemas através de seu trabalho, mesmo com as dificuldades da profissão. Alerta para a necessidade de todos os que têm o jornalismo como ofício que assumam o papel de informar.

Tânia Guerra, renomada jornalista, que iniciou sua carreira na afiliada da Rede Globo nos anos 90, é responsável pela chefia do Balanço Geral da Record Paulista. A profissional descreveu que a definição das pautas ocorre após as notícias factuais da madrugada e do período da manhã. Caso ocorra um fato de maior relevância, a direção derruba as pautas consideradas frias (não urgentes) designando a equipe de rua para o local do acontecimento. Reafirma que a afiliada prioriza assuntos comunitários, problemas de demanda da população. Portanto salienta que pela linha editorial priorizar os problemas sociais, existe liberdade na seleção de pautas relacionadas ao assunto.

Na sua visão os telespectadores sabem que possuem um espaço na afiliada da Rede Record para reclamar de suas necessidades recorrentes, e enfatiza que a maioria das pautas são resultados das ligações dos moradores e das mensagens enviadas através do aplicativo exclusivo para contato com a população, o Flagrou Tá na Record via Whatsapp. A jornalista reforçou sobre a importância do compromisso com a comunidade, “Nosso compromisso com a comunidade é total. O cidadão e o

nosso foco. Nosso dever é sempre atender o cidadão. Até temos pautas mais leves... Mas a demanda comunitária lidera nossa linha editorial.” (TÂNIA GUERRA, editora chefe, 2017).

Bruno Mestrinelli, um dos produtores do programa jornalístico reforçou que as fontes vindas dos bairros são fundamentais para a realização das reportagens. Pela experiência diária, o profissional relata que os principais problemas que mais afligem a população são a falta de médico, falta de pavimentação e vazamentos de água, estes são levados diariamente ao ar motivados por reclamações de moradores.

Sobre o contato entre a produção e as fontes, ele revela ser uma relação de proximidade, garantindo isenção na hora da apuração. Questionado sobre qual a importância de mostrar a reportagens e ouvir a população e o poder público, ele entende que o objetivo do jornalismo é ouvir os lados da notícia para que todos possam se pronunciar. “A população reclama, com razão, enquanto o poder público tem o dever de explicar porque não resolve os problemas”, afirma.

“Eu tento transmitir o que eu vejo através das minhas imagens, fazendo assim com que a lente da câmera seja os olhos das pessoas que estão assistindo”. Essa foi a resposta do cinegrafista André Cremones sobre o significado das imagens na vida do profissional, garantindo ter total liberdade da chefia para a captação das mais variadas imagens na rua, não invadindo a privacidade e sempre respeitando o direito dos cidadãos.

O cinegrafista compartilhou sua indignação diante dos problemas sociais que preocupam a comunidade, e confessou ser através das imagens que tenta passar a realidade para o telespectador, mesmo tendo consciência de que esta mesma realidade é dura e cruel.

2ª Análise

Partindo dos pressupostos sobre a existência da responsabilidade social do jornalista diante de reportagens que relatam os problemas existentes no município, iniciaremos uma análise das respostas dos profissionais das duas afiliadas localizadas na cidade com base nos autores que trataram do referida questão.

A aparição do repórter na passagem da reportagem oferece por si ao público uma informação importante da matéria retratada. Carvalho (2010) afirma que a presença deste profissional no vídeo ajuda a chamar a atenção de quem assiste.

Tomamos como exemplo o afeto pela atuação na comunidade, respondida pelo repórter do Tem Notícias, Giuliano Tamura e a paixão por informar o cidadão sobre tudo o que acontece, fazem do trabalho a sua missão na sociedade, na qual reforça que o compromisso do profissional da reportagem é demonstrar importância com o fato que vai retratar. Isso vai ao encontro com o que Ijuim (2009) reflete ao citar os *Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo* e o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, que tratam o jornalismo como atividade social, relacionada a responsabilidade social. Logo, permitem ao profissional uma humanização e exigem um comprometimento para assuntos relacionados a realidade. Tamura disse que sua missão como de qualquer outro profissional é informar e é necessário o envolvimento do jornalista com a comunidade da reportagem em questão, caso o contrário, não cumpre seu papel, principalmente diante de problemas sociais. É o mesmo pensamento do repórter do Balanço Geral, Alexandre Colim, que afirma a eficácia do compromisso quando o caso apresentado é solucionado, tornando a reportagem mais completa. Segundo ele, uma satisfação gerada a partir dos resultados. Retomando Freire (1983), o conceito de compromisso será uma palavra oca, uma abstração se não envolver uma decisão lúcida e profunda de quem o assume, sendo que a primeira condição para se assumir um compromisso profissional na sociedade é ser capaz de agir e refletir, transformar a realidade. Segundo o autor, o compromisso-próprio da existência humana, deve haver somente no engajamento com a realidade.

O olhar social e o engajamento fora dos bastidores é declarado por ambos os repórteres entrevistados. O primeiro possui vínculo com grupos religiosos de Bauru e o segundo afirmou participar de diversas atividades sociais, sentindo totalmente vinculado ao município. Este comportamento revela o lado humanizado determinado por Freire (1983), em que não há espaço para a prática da neutralidade. Os dois também compartilham da mesma opinião sobre o papel do jornalista na sociedade, que tanto na tv como no jornal impresso e no rádio devem ter por missão informar sobre os fatos que permeiam a realidade e comprometer-se com as notícias, por mais dificuldades que encontrem pelo caminho. Ijuim (2009) ressalta que a existência da neutralidade frente aos valores e ao mundo, reflete o medo de revelar o compromisso com a sociedade, algo que não é de dentro para fora, por interesses pessoais ou interesses de grupos midiáticos na qual o jornalista pertence. O autor conclui que, quando existe esta prática, assumem uma neutralidade impossível.

Nota-se que dada a missão a estes repórteres, que são a linha de frente da reportagem, a neutralidade dá lugar ao compromisso de informar e atuar em prol da comunidade e aguardar pela solução de problemas reclamados.

Embora Rezende (2000) tenha considerado improvável que o telejornalismo estivesse cumprindo satisfatoriamente seu papel social ao estudar o tema dezessete anos atrás, uma vez a produção jornalística permanecesse atrelada as grandes corporações que controlam os canais de TV, motivadas por interesses em sua maioria econômicos e políticos, do que pelas necessidades da população, segundo o autor. Isso refletia na formação e conscientização do cidadão, já que o público receptor que dava audiência possuía baixo grau de escolaridade.

Acontece que o perfil editorial dos telejornais mudou com o passar dos anos, devido a sociedade ter conquistado mais autonomia para lutar por seus direitos e cobrar a solução dos problemas com a chegada da tecnologia, possibilitando a produção de seu próprio jornal impresso. Seu canal de através das mídias sociais, e esse novo modo de informação de forma democrática despertou interesse nos grandes veículos de comunicação que mudaram sua linha editorial para não perderem audiência e público para a concorrência.

A linha editorial das emissoras locais TV Tem e Record é seguida de acordo com as matrizes, no Rio de Janeiro e em São Paulo, respectivamente. Logo, a TV Tem possui como norma o olhar social sob a comunidade, de acordo com a entrevista do editor-chefe do Tem Notícias 1ª edição, Fábio Leopíssi, que ressalta esse compromisso em todas as edições dos telejornais da afiliada, destacando a preocupação emissora em representar cada morador de aproximadamente 100 cidades cobertas pela TV Tem no centro oeste paulista, estreitando a relação entre a comunidade e o poder público a espera de solução para os problemas cotidianos. Na sua concepção pelo fato da linha editorial contemplar os assuntos de cunho social, isso faz com que a equipe jornalística tenha mais liberdade para produzir este tipo de reportagem e cobrar decisões do poder público.

Já a editora-chefe do Balanço Geral da Record, Tânia Guerra afirmou que os telespectadores conhecem o perfil editorial da emissora local da rede, visto o que é apresentado por sua matriz em São Paulo, na qual os assuntos predominantes nos telejornais são de total interesse da comunidade, como violência e infraestrutura. Quando a chefia nota um assunto mais relevante relacionado aos assuntos sociais, instantaneamente derruba-se a pauta fria para se concentrar na cobertura da notícia

factual, assegurando total liberdade na seleção dos fatos que virarão reportagem. E no período da realização da entrevista, a utilização das redes sociais pelo público também foi citada pela editora-chefe, que dedicou o espaço garantido dos moradores na programação jornalística para reclamar dos problemas enfrentados nos bairros e que o quadro *Flagrou Tá na Record* realiza este papel com imagens e vídeos enviados pela população e o apresentador faz a cobrança da solução ao poder público ao vivo.

Ijuim (2009) cita obra *Profissão Jornalista: Responsabilidade Social*, de Cremilda Medina (1982), na qual a autora observa a função de transformar a realidade e diz que no exercício do papel social, cabe ao profissional rastrear o maior número de versões sobre o fato para a construção da notícia, permitindo que os acontecimentos sejam trazidos à tona e tenham significado na sociedade. No entanto, Souza (2002) acredita que os meios de comunicação desempenham sim o papel social, mas antes de tudo são uma empresa, com meta, lucros e despesas que precisam ser pagas no final do mês. Quando a empresa-emissora veta algum conteúdo ou um entrevistado, está negando a liberdade de expressão, mesmo o profissional contratado estado sob seu controle. O autor questiona até que ponto a produção jornalística é realizada pelos profissionais ou pelos próprios veículos de comunicação.

Além do resultado apresentado através do diálogo com os repórteres e editores-chefes, a resposta para a questão de Souza pode vir da conversa com os produtores das duas afiliadas. Ana Luiza Jacques, que coordena a produção de pautas do *Tem Notícias* 1ª edição garantiu ter liberdade para contatar as fontes oficiais, o que é prioridade na emissora, segundo ela. Relata que se fonte for diretamente ligada aos bairros com problemas, facilita a reportagem e aumenta a expectativa de solução através do poder público. Saúde pública, obras e infraestrutura são principais reclamações. A responsável pelas pautas ainda ressaltou a importância de abordar os problemas e ouvir os dois lados, as duas versões, seja o dever de todo jornalista.

Da mesma opinião compartilha Bruno Mestrinelli, produtor do telejornal da concorrente Record, a qual reforça o valor da relação da proximidade com as fontes, e o papel que tem de apurar e transmitir as informações sempre com isenção. Esta isenção afirmada pelo profissional chama atenção, pois presume na neutralidade descrita por Freire (1983), o fato de ainda se falar que existe imparcialidade, não se

manifestando por conta dos interesses da emissora ou controle social que a mesma exerce sobre o profissional. Tornemos a repetir os dizeres de Freire de que não assumir o compromisso social e camuflar o lado humanístico significa propagar uma neutralidade impossível. O produtor mostra-se indiferente ao papel que também possa ter de transformar a realidade através do contato com as fontes oficiais, dando uma esperança na solução dos problemas reclamados pelos moradores e reportados pela equipe de rua. Bruno, produtor do Balanço Geral da Record assume de modo superficial a prática da responsabilidade social, quando responde que os moradores reclamam com razão dos problemas e o poder público tem por obrigação explicar a demora em resolver um problema de demanda social.

A exposição das imagens capturadas pelas câmeras faz toda a diferença em uma reportagem do telejornal. Leal e Valle (2009) salientam que a força desta capacidade é um dos alicerces da exibição da notícia, servindo como fragmento para o mundo. O telejornal pode relevar linguagem e procedimentos complexos na qual as imagens são necessárias para traduzir o conteúdo. Segundo os autores, no telejornalismo as notícias resultam de uma combinação entre o dizer e as imagens captadas. Afirmam que, na medida em que é inserida sua relação com o visível, a imagem passa a ser constituída por um duplo movimento, por um lado a manifestação do visível, do outro a compreensão do mundo e do que está ao redor do telespectador. Ao olhar para a câmera, o entrevistado ou o repórter assumem a relação de intimidade com quem está do outro lado da tela sugerindo algo de verdadeiro entre as partes, mesmo que não exista segundo Leal; Valle (2009). Logo a função do cinegrafista ou repórter cinematográfico (caso também possua o MTB⁷) passa a ser imprescindível nesta composição midiática e também exerce compromisso social com as imagens captadas durante a reportagem externa.

Para César Evaristo, repórter cinematográfico do Tem Notícias 1ª edição, as imagens têm um significado que vai além da reportagem e captá-las da melhor forma possível é seu dever. Responsabilidade esta que reconhece ter diante dos problemas que afligem a comunidade e que se não captar a melhor imagem real vai maquiar o fato. Mesmo assegurando ter liberdade na emissora, o profissional deixou transparecer o lado humano ao afirmar sua revolta diante de tantas diferenças - no

⁷O **repórter cinematográfico** trabalha essencialmente com jornalismo, captando imagens externas para matérias e auxiliando no processo de construção da notícia. O repórter cinematográfico deve ter **registro de jornalista** – repórter cinematográfico, ou seja, um **MTB**, para trabalhar na área.

país, no Estado, no município em que mora e trabalha e que o mínimo que pode fazer para contribuir para transformar a realidade, é caprichar nas suas imagens.

O lado humano também é manifestado pelo cinegrafista do Balanço Geral, André Cremones, que admitiu total esforço para transmitir seu olhar diante do fato através das imagens, sempre respeitando a fonte e não invadindo a privacidade alheia. A exemplo do profissional da TV Tem, André demonstrou indignação com tantos problemas sociais em torno da comunidade, garantindo ser através de captação de imagens que o telespectador conhece a dura realidade. No entanto a visão transformadora não foi citada pelo cinegrafista, dando a entender que mesmo com a visão humana aparentemente ainda não mostra consciência sobre seu compromisso social de contribuir para melhorar os casos que filma.

Leal; Valle no o artigo “Informação e Imagem no Telejornal – Reflexões sobre um regime visibilidade, afirmam que a articulação de várias partes do conjunto de cenas filmadas pelo cinegrafista constrói uma imagem do acontecimento cuja autenticidade é resultado da adequação ao formato jornalístico, citando Santiago (2002) que afirma existir a falta de experiência do narrador na reportagem noticiada, cabe ao telespectador o olhar mais acentuado sobre tal fato através das imagens exibidas e de conhecimento que o público receptor tem de assistir a televisão. Portanto, a justificativa da relevância das imagens na reportagem se aplica no resultado que a ação gera a partir da filmagem. Segundo Munch (1992), ao capturar as imagens do lado externo (rua) a câmera torna-se observadora dos fatos relacionados a sua gravação. Claro, se o operador atrás do objeto tiver consciência sobre seu papel na sociedade e liberdade para captação, fará seu melhor ângulo a fim de receber não somente elogios mas satisfação na solução dos conflitos.

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esta dissertação questionando se existe responsabilidade social dos profissionais do telejornalismo diante dos problemas mostrados na reportagem externa (de rua), tendo como fontes as equipes dos telejornais de duas afiliadas localizadas em Bauru, a TV Tem e a Record TV Paulista. Embora seja um assunto que desperta interesse, no início da abordagem tínhamos como referência poucos autores que discorreram sobre a responsabilidade, a função ou o papel social do telejornalismo e seus profissionais. Mas, ao longo do período de pesquisas, surpreendentemente, artigos, diálogos e obras passaram a compor este trabalho, fruto da curiosidade e vivência profissional no meio televisivo bauruense. A hipótese inicial, sobre a existência da responsabilidade social do telejornal e seus profissionais foi confirmada através das entrevistas e interpretação das mesmas.

Como citado, muitos autores, artigos, obras, diálogos nos levaram a aprofundar no objeto de pesquisa e serviram de base para interpretar as respostas das entrevistas realizadas com os profissionais do telejornalismo, cada um com sua característica, sua particularidade. E as respostas foram fundamentais para as considerações da dissertação.

Embora sendo subjetivo e vários autores não definirem sua existência, foi possível notar o compromisso social diante dos problemas mostrados, principalmente os que se referem a comunidade, primeiramente nos dois repórteres entrevistados, na qual o assunto foi introduzido, logo na primeira questão e no decorrer do roteiro. Ambos demonstraram ter como missão a contribuição na resolução dos fatos, o compromisso com os moradores que creditam a estes profissionais a competência de levar até o poder público as reclamações.

Em determinada resposta, tanto o repórter Giuliano Tamura quanto Alexandre Colim, destaca o engajamento em atividades fora dos bastidores da notícia. Tomamos isto como importante relação humana com a comunidade, que na maioria das vezes é telespectadora de suas atuações na televisão. Constata-se que o compromisso social e a missão que cada um dos dois carrega, dá-se também pelo fato de integrarem a linha de frente do noticiário, onde ambos apresentam maior contato presencial com o público que seus colegas que atuam na redação.

E esta circunstância também pode ser notada nas respostas dos editores das duas afiliadas, onde estabelecem o compromisso com a comunidade que segundo eles, é a linha editorial das duas afiliadas. A Record TV Paulista é mais antiga precursora nesta relação social, de acordo com a editora Tânia Guerra, que afirmou

que o público sempre teve conhecimento do perfil da emissora, e devido ao grande número de reclamações foi criado no ano passado um canal através de um aplicativo para facilitar a interação com a equipe de produção da afiliada. Compreende-se que esta chefia, sem muito vínculo, direciona à equipe de produção as pautas relacionadas as questões sociais e os repórteres assumem a responsabilidade perante o cidadão. Já com o editor-chefe da TV Tem Fábio Leopíssi, a missão de atuar em prol da sociedade/comunidade foi percebida, quando ele levantou a bandeira da emissora sobre o compromisso social, não somente com a população bauruense, mas também com os moradores da região, visto que a afiliada abrange uma área de 100 municípios no centro oeste paulista, porém, disse que se reafirma como profissional toda vez que uma reportagem chefiada por ele, soluciona um problema. Sua posição é clara: sente que colaborou para que a vida de uma pessoa melhorasse e que este é o verdadeiro prazer de fazer jornalismo.

O prazer em exercer a atividade jornalística, principalmente quando se ampara o outro, pode ser notada pela pesquisadora ao analisar também a coordenadora de produção da TV Tem e os repórteres cinematográficos das duas afiliadas.

Aliás, nota-se que não há uma concorrência entre as emissoras localizadas em Bauru. Ficou evidente a busca pelo acolhimento ao cidadão. A Rede Globo talvez por reparar erros no passado, especialmente no período da ditadura, redefiniu sua linha editorial em todas as afiliadas do país, aplicando um novo conceito de jornalismo para e com a comunidade, onde a atuação do repórter é mais livre e engajada para tratar de temas sociais. A Rede Record desde sua fundação adotou o perfil comunitário e muitas vezes sensacionalista na Grande São Paulo e expandiu para todas as regiões o estilo.

Diversos autores que pesquisaram sobre o compromisso social do jornalista e a existência da responsabilidade perante o público, como Ijuim (2009) e Pereira (2007), por exemplo, concluíram haver um momento de transição entre a sociedade e o jornalismo, mas que ainda estava indefinido o papel do profissional. As novas tecnologias facilitaram a interação com o jornalismo de mercado – visão empresarial, por isso a reconfiguração na maioria das emissoras do país, principalmente em afiliadas localizadas em regiões carentes como no norte e nordeste, e essa reformulação também se expandiu para o interior do Estado de São Paulo,

principalmente Bauru, onde foi possível observar a relação morador/receptor com o repórter/apresentador cidadão.

Acreditamos que o perfil tanto dos dois telejornais analisados quanto de seus profissionais esteja dividido entre o lado humano - que é o engajamento, a missão de fazer o melhor para a transformação da sociedade e o tecnológico - criação de ferramentas para ampliar a interação com o público que recebe as notícias, visto a importância da penetração das redes sociais no universo midiático. Existe sim, uma parcialidade dos profissionais, pois nem todos acabam adotando a postura engajada, porém, o compromisso social é mais visível na equipe externa, composta pelo repórter e cinegrafista. Na redação não é regra, mas existem editores-chefes que acabam se envolvendo com as reportagens, principalmente se já foram repórteres um dia, tendo na bagagem a vivência de rua e assumindo preocupação em solucionar os problemas com o poder público, enquanto outros, sem demonstrar muito vínculo, apenas seguem a linha editorial da empresa. O mesmo acontece com os produtores de pautas.

Os objetivos propostos no início desta dissertação foram explorados e diante do cenário, reforça-se a motivação da pesquisadora em prosseguir com novos estudos sobre o assunto, aprofundando-se na etnografia do telejornalismo regional.

*O compromisso profissional só é válido quando está carregado de
humanismo.*

(Paulo Freire)

8 - REFERÊNCIAS

- ADGHIRNI, Zélia. **Valores-notícia e credibilidade no jornalismo on-line**. Anais do II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Salvador, 2004.
- ASSIS, Cláudia. **Responsabilidade Social no Jornalismo**. Disponível em: <http://www.magrelacomunicacao.com.br/artigos/responsabilidade-social-jornalismo/>. Acesso: Ago/17.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo**. Disponível em: <http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=455>. Acesso em: Ago/17.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BAZI, Rogério. **TV Regional: trajetória e perspectivas**. Campinas/SP: Alínea, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.
- BREED, Warren. Controlo social na redação: uma análise funcional. In TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.
- BRITTO, Junior, Álvaro Francisco. Feres Júnior Nazir. **A utilização de Técnica de Entrevista em Trabalhos Científicos**. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/200-752-1-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/200-752-1-PB%20(4).pdf). Acesso: Set/17.
- BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- _____. **O Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 2000.
- BUENO, Wilson da Costa. **O assessor de imprensa e o compromisso democrático**. Unidade. São Paulo, Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, jul. 1984.
- CABRAL, Eula Dantas Taveira; FILHO, Adilson Vaz Cabral (Parte 1, Capítulo 2). **Do massivo ao local: a perspectiva dos grupos de Mídia**. In: SOUSA, Cidoval Morais de (org). **Televisão Regional globalização e cidadania**. Rio de Janeiro: Sotese, 2006.
- CAMPOS, N. Marcelo. MINUZZI, Marcus. **Jornalismo Cívico: o telejornal sob o olhar do cidadão**. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, setembro de 2011.
- CANCIO, Marcelo. **Telejornalismo descoberto**. A origem da notícia no jornalismo televisivo regional. Campo Grande: Editora um, 2005.

CARDOSO, Renato. **A História da hoje Tv Tem, que na verdade é TV Bauru Canal 2**. Disponível em: <http://www.vivendobauru.com.br/veja-a-historia-da-hje-tv-tem-que-na-verdade-e-tv-bauru-canal-2/>. Acesso em: Ago/17.

CHAPARRO, M. Carlos. **Categorias do jornalismo**. Curso de mestrado em jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da USP. São Paulo, junho de 2000.

CARVALHO, Alexandre et al. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.

CÓDIGO de Ética dos Jornalistas Brasileiros. 2007. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica>. Acesso em: Ago/17.

COBERTURA REGIONAL TV TEM. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/sp/tvtem/noticia/2013/09/confira-area-de-cobertura-da-tv-tem.html>. Acesso em: Set/17.

COMASSETTO, Ramires, Leandro. Comassetto, L. R. (2001). **As razões do título e do lead – Uma abordagem cognitiva da estrutura da notícia**. Disponível em <http://www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/publicacoes.html>. Acesso em: abril/17.

CYTRYMBLUM, A. **Periodismo Social: una nueva disciplina**. 2. ed. Buenos Aires: La Crujía, 2009.

DORNELLES, Beatriz. **O Fim da Objetividade e da Neutralidade no Jornalismo Cívico e Ambiental**. Brazilian Journalism Reserch (Versão em português) - Volume 1, 2008.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS BRASILEIROS (FENAJ) Perfil Profissional do Jornalista Brasileiro- 2012. Disponível em: <http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>. Acesso em: Ago/Set 17.

FERNANDES, Francisco Assis M. (Parte 1, Capítulo 3). **Televisão e Cidadania no Contexto Regional**. In: SOUSA, Cidoval Moraes de (org). **Televisão Regional, globalização e cidadania**. Rio de Janeiro: Sotese, 2006.

FREIRE, Paulo. **O Compromisso do profissional com a sociedade**. In: _____. **Educação e mudança**. 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FONSECA, Francisco. **Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação**. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n.6, 41-69, jul./dez, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000200003. Acesso em: Ago/17.

GOMES, Taiga Corrêa. **A cidade televisionada: um olhar sobre a relação entre o telejornal local, o telespectador e o Grande Rio**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

HUDEC, Vladimir. **O que é jornalismo?** Lisboa: Editorial Caminho, 1980.

IJUIM, Kanehide Jorge. **A Responsabilidade Social do Jornalista e o Pensamento de Paulo Freire.** Revista Em Questão. Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 31 - 43, jul./dez, 2009.

ITUASSÚ, Arthur. **O papel da imprensa no regime democrático brasileiro.** Fev/2014. Disponível em: <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/Texto/OpiniaodoProfessor/O-papel-da-imprensa-no-regime-democratico-brasileiro23953.html#.Wb2CK9JSzIV>. Acesso em: Maio/17.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** 2006.

KOVACH, Bill e Rosenstiel, Tom. **Os Elementos do Jornalismo – O que os jornalistas devem saber e o público exigir.** São Paulo: Geração, 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2003.

LEAL, Souza Bruno; VALLE, Pinto Flávio. **Informação e imagem no telejornal: reflexões.** Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v.32, n.1, p. 129-145, jan./jun. 2009.

LIMA, A.A Marcus; MOTA, M. Flávia. **Jornalismo Cívico como alternativa e ferramenta para uma prática mais social da comunicação.** Revista Pauta Geral- Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, vol.1, n.1 p.22-39, ago/dez 2014.

LIMA, V. A. **Mídia: teoria e política.** São Paulo: Perseu Ábramo, 2001.

LOPES, Maria Immacolata V. de. **Pesquisa em comunicação - formulação de um modelo metodológico.** São Paulo: Loyola, 5.ed.2001.

MAIA, Silva. Corrêia. Aline. **O Telejornalismo no Brasil na Atualidade: Em Busca do Telespectador.** Trabalho apresentado no XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0839-1.pdf>. Acesso em: Maio/17.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Sociedade tecnológica.** São Paulo: Scipione, 1994.

MANZINI, Eduardo José. **Uso da Entrevista em Dissertações e teses produzida em um Programa de Pós-Graduação.** Revista Percurso – NEMO, Maringá, v. 4, n. 2, p. 149- 171, 2012.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

MERRIT, Jr. Davis. **Public Journalism and Public Life: Why Telling the News Is Not Enough.** Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

MORAES, S. de Bruno. **Jornalismo Público: Um Olhar sobre o Repórter Brasil**. Universidade de Brasília, 2011.

MÜNCH Beat. **Les constructions référentielles dans les actualités**

Television: essai de typologie discursive. Berne: Peter Lang, 1992.

NASCIMENTO, Carlos. A abertura chega à televisão. In DINES, Alberto e MALIN, Mauro **Jornalismo brasileiro: no caminho das transformações**. Brasília: Banco do Brasil, 1996.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: Manual de Telejornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005b.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Revista Comunicação & Sociedade**. Póscom-Umesp. São Bernardo do Campo, a. 26, n. 43, p.67-84, 1o. sem.2005.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da Responsabilidade Social ao Jornalismo de**

Mercado: o jornalismo como profissão.2004. Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabioresponsabilidade-jornalista.pdf>> Acesso em: Set/17.

_____;NEVES, Laura Maria. **A Entrevista de Pesquisa com Jornalistas: Algumas Estratégias Mercadológicas**. Revista Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n.29, p. 35-50, dez. 2013.

PEREIRA Junior, Alfredo Eurico Vizeu. **O lado oculto do telejornalismo**.

Florianópolis: Calandra, 2005. 200p. (Coleção Biblioteca J, 3).

RECORD TV PAULISTA. **Site oficial da afiliada regional**. Disponível em:

<http://www.recordpaulista.com.br/portal/empresa>. Acesso Ago/17.

REDE RECORD. Site oficial. Disponível em: <http://recordtv.r7.com/emissoras-record/rede/>. Acesso Julho/17.

REGULAMENTAÇÃO DA PROGRAMAÇÃO REGIONAL. Disponível em:

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/COMUNICACAO/447465-COMISSAO-APROVA-REGULAMENTACAO-DE-PROGRAMACAO-REGIONAL-DE-RADIO-E-TV.html>. Acesso: Ago/2017.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**.

Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

ROVIDA, Maria Ferreira. **Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível com a metodologia**. São Paulo: Líbero, 2015.

SARTORI, Giovanni. **Homo videns: televisão e pós pensamento**. Bauru/SP: Edusc, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHIARETTA, T. **Qualidade editorial em um mercado multimídia**. In: Seminário Internacional Imprensa Multimídia/ as redações de terceira geração, Brasília, 2006.

SILVA, F. Adriana. **Telejornalismo Regional: Identidade e Representações**. UNESP, Bauru, 2005.

SILVA, M. Luiz. **Jornalismo como ferramenta do exercício da cidadania**. Artigo reproduzido de Brasília em Debate nº3, edição 766. Junho de 2013. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed766_jornalismo_como_ferramenta_do_exercicio_da_cidadania/. Acesso em: Maio/17.

SILVA, Lima Cleidson de. **Convergência Jornalística. Conceitos e Perspectivas**. Anais do 4º Simpósio de Ciber jornalismo. Campo Grande/MS. Agosto de 2013.

SIRIANNI, C.; FRIEDLAND, L. **Civic Innovation in America: Community empowerment, public policy and the movement for civic renewal**. London, University of California Press - citado por Lima.

SOARES, Murilo Cesar. **Representações, jornalismo e esfera pública democrática**. São Paulo, 2009.

SOARES, Hamistellie; SOUZA, Roberta Pinto de; OLIVEIRA, Jocyelma Santana dos Santos. **A construção da notícia em telejornais: valores atribuídos e Newsmaking**. Artigo apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, São Paulo, Set de 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0744-2.pdf>. Acesso em: Abril/17.

SOUZA, Mauro Wilton de. **Práticas de recepção mediática como práticas de pertencimento público**. São Paulo: Paulinas, 1999.

SOUZA, Jorge Pedro. **As teorias do Jornalismo e os efeitos sociais dos mídias jornalísticos**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>. Acesso em: julho/17.

SQUIRRA, Sebastião. **Aprender Telejornalismo: Produção e Técnica**. Ed. Brasiliense, 1989.

SUSIN, Raquel. **O primeiro telejornal do Brasil. 2009**. Disponível em: http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/01c-/Primeiro_Telejornal_Do_Brasil. Acesso em: ago/17.

TRAQUINA, Nelson; MESQUITA, Mário. **Jornalismo cívico**. Lisboa: Editora Livros Horizonte, 2015.

_____. **Jornalismo: questões, teorias e histórias**. Tradução: Luís Miguel Dionísio. Lisboa, 1993.

_____. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRAVANCAS, Isabel. **Etnografia da produção jornalística- estudos de caso da imprensa brasileira**. Sbpjor, 2010.

VARGAS, Raul Hernando Osório. **A reportagem literária no limiar do século 21: o ato de reportar, os jovens narradores e o projeto São Paulo de Perfil**. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGCOM da ECA-USP, São Paulo, 1998.

VEIGA, Zaclis. **Telejornalismo e Violência Social: A construção de uma imagem**. Curitiba: Pós-Escrito, 2002.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é Notícia. Os Bastidores do Telejornalismo**. Editora: EDIPUCRS, 2005.

_____. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica**. Revista FAMECOS nº 40. Porto Alegre, dezembro de 2008.

ZELIZER, Barbie. **Journalists as interpretative community**. In: Critical Studies in Mass Communication. Volume 10, 1993.

WHITE, David. O Gatekeeper. **Uma análise de casos na seleção de notícias**. In TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo, questões, teorias e histórias**. Lisboa. Veiga. 1993.

WILLIAMS, Sérgio. **Santos colocou no “ar” a primeira emissora de tv regional do país**. Disponível em: <http://memoriasantista.com.br/?p=1207>. Acesso em: Ago/17.

_____. **Empresa santista produziu as primeiras parabólicas e tvs de circuito fechado da América do Sul**. Disponível em: <http://memoriasantista.com.br/?p=1486>. Acesso em: Ago/17.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5.ed. Lisboa: Ed. Presença, 1999.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 2006.

9- APÊNDICE A

- Tem Notícias 1ª edição – no ar às 12 horas

Fábio Leopíssi, editor-chefe

- Como são definidos os assuntos da pauta do telejornal da primeira edição? Existem preferências para os problemas sociais dos bairros?

O Tem Notícias, primeira edição, tem por obrigação um olhar mais comunitário. Faz parte da linha editorial do telejornal. Problemas relacionados ao dia-a-dia do telespectador precisam estar presente em todas as edições. Os moradores das 100 cidades da nossa área de cobertura precisam se enxergar nas edições. É fundamental que eles se sintam representados e vejam nos nossos repórteres e no apresentador pessoas que estreitam a relação entre eles e o poder público. É nossa obrigação fazer essa ponte.

- A linha editorial do veículo de comunicação permite liberdade para fazer um jornalismo voltado aos problemas sociais?

Como disse anteriormente é da linha editorial do jornal esse caráter mais comunitário. Mostrar os problemas sociais e cobrar da autoridade responsável uma solução.

- Qual o grau de proximidade/vínculo da emissora afiliada com a sociedade/comunidade bauruense?

A emissora precisa exercitar a aproximação com a comunidade todos os dias. Faz parte do nosso trabalho diário deixar claro que a televisão é parte da comunidade e que as pessoas podem contar com ela para buscar uma solução, mostrar bons projetos, cobrar o poder público, entre tantas finalidades. Hoje em dias com as mídias sociais esse vínculo cresce a cada dia, seja com repórteres, seja com a própria emissora. Mostramos, todos os dias pessoas que nos assistem, e quanto mais exibimos os vídeos, mais eles chegam. O que mostra que cada vez mais as pessoas querem se ver nos telejornais, e que os telejornais tem que ter a cara do telespectador. E esse é um desafio diário, a linguagem está mudando e temos que falar de maneira cada vez mais próxima da realidade de quem nos assiste.

- Você como profissional e cidadão acha que existe um compromisso com a sociedade na hora de 'fazer a notícia', ou apenas é cumprido as obrigações jornalísticas da emissora?

Eu me reafirmo como profissional toda vez que consigo ajudar, o mínimo que seja, cada uma das pessoas que assistem ao telejornal. É da obrigação do jornalista, tanto quanto o compromisso com a verdade. Cada vez que sinto que colaborei para que a vida de uma pessoa melhorasse, que o problema dela fosse resolvido, que o poder público cumprisse a obrigação dele e lembrasse das pessoas porque mostramos reafirmo meu prazer em fazer jornalismo. Mesmo que essas pessoas nunca saibam que, no desenvolvimento da minha função, eu aprovei e decidi mostrar aquele problema. Essa é nossa função: mostrar a verdade, escancarar o problema, cobrar a solução e em 90% dos casos não receber um "muito obrigado" e mesmo assim sentir prazer em acordar no dia seguinte e fazer tudo outra vez.

Ana Luiza Jacques, Coordenadora de produção

-A produção prioriza fontes dos bairros na hora da pauta?

R: Sim. A fonte oficial é importante, traz dados que contribuem com a matéria, mas a fonte local vive o cotidiano, consegue trazer a vivência e os problemas relatados por aquela comunidade de uma forma mais fiel.

- Quais são os principais problemas que afligem a comunidade/ os moradores em Bauru?

R: Pela minha experiência com jornalismo diário, percebo nos vários telefonemas na redação que os moradores de Bauru querem um melhor atendimento em saúde (desde uma consulta no posto de saúde, vaga de internação em leito de hospital ou UTI, remédios básicos ou de alto custo, por exemplo), infraestrutura (asfalto/ água/ saneamento/ segurança, são exemplos), além da geração de emprego e a construção de uma sociedade mais igualitária em direitos.

-Como é a relação da produção com as fontes?

R: O jornalista segue um código de conduta ética. Mantém o sigilo da fonte em casos onde são exigidos, além de respeito, jogo limpo, isenção, sempre

apurando os vários lados de uma história. A relação do jornalista com sua fonte passa por reflexões constantes.

- Qual a importância de mostrar os problemas e ouvir tanto a população como o poder público?

R: O jornalista ouve, apura, descobre, relata, descreve todas as situações descritas pela população e poder público. Ambos fazem parte de um história com alguns lados. Então é importante que todos os interesses estejam retratados na matéria.

Giuliano Tamura, repórter e apresentador

- Existe o compromisso do repórter com o cidadão diante dos problemas sociais mostrados na reportagem?

Sim, se o repórter não se importar com o problema que ele vai retratar na reportagem, ele não está cumprindo o seu papel. O jornalista repórter é aquele que vai até o local do fato, que conversa com as pessoas envolvidas no fato, é aquele que o principal contato com a notícia já que está vivendo o assunto. É imprescindível que o repórter se aproxime das fontes da reportagem. Caso contrário, em meu ponto de vista, ele não estará envolvido com a pauta.

- Espera por resultados satisfatórios ou simplesmente cumpre o papel de informar o problema?

Na minha opinião, quando levamos uma notícia ao ar, principalmente aquelas relacionadas com problemas da comunidade como falta de água, falta de remédio, iluminação precária, a gente sempre espera a solução do problema para aqueles cidadãos em questão. E isso acontece, o que nos motiva mais a continuarmos no caminho do jornalismo. Agora, existem outros tipos de matérias que aí não tem como mudarmos a realidade, precisamos apenas informar, exemplo, entrega da declaração do imposto de renda.

- Qual seu vínculo com a cidade de Bauru. Participa de atividades sociais fora do ambiente de trabalho?

Sou da região Centro Oeste Paulista, passei minha infância e adolescência em Jaú, de modo que sempre vim a Bauru e acompanhava o noticiário daqui nos

telejornais regionais. Moro em Bauru há quinze anos, e morei por um ano e meio numa outra oportunidade no fim da década de 1990. Fora da TV, meu ambiente de trabalho, me relaciono com as pessoas de Bauru em comunidades religiosas e grupos ligados aos meus filhos que nasceram em Bauru e estudam na cidade. Nos relacionamos com essas pessoas.

- Qual o papel do jornalista de televisão na sociedade, na sua visão?

O papel de qualquer jornalista é retratar o mundo e a situação em que vivemos para a sociedade em que ele está inserido. Podem ser notícias locais, regionais, nacionais. A nossa principal função é fomentar a visão crítica das pessoas para o que nos rodeia.... Por isso temos uma missão, a de informar a sociedade para que o cidadão possa fazer juízo de valor dos fatos e ter um posicionamento. No caso do jornalista de tv, temos elementos como som e imagem que nos ajudam a mostrar os dramas, conflitos e bons exemplos que temos em nossa comunidade. Na minha opinião, o jornalista de tv tem que estar voltado mais para a pauta, do que para perfumaria. Foi-se o tempo em que havia glamour no trabalho televisivo. Hoje precisamos ser polivalentes para encarar o mercado e comprometidos com a verdade e justiça social.

César Evaristo - Cinegrafista

- Qual o significado das imagens em sua profissão?

Minhas imagens significam tudo, porque através delas tento transmitir o que está acontecendo naquele momento !

- O que sente diante de tais problemas sociais que afligem a sociedade e qual a responsabilidade da captação de imagens nesses casos?

Na maioria das vezes me sinto revoltado por estar no mesmo país, estado e até cidade e as diferenças ser tão grande, a responsabilidade aumenta ,pq pode estar tudo feio , mais se vc captar uma imagem linda , quem tá em casa não vai ver o problema como ele realmente está.

-O cinegrafista tem total liberdade para a captação de imagens?

Eu acho que não temos liberdade pq muitas vezes somos proibidos e até ameaçados a não fazer certas imagens .

- Programa Jornalístico Balanço Geral- Record TV Paulista – no ar 12 hs

Tânia Guerra, editora-chefe

- Como são definidos os assuntos da pauta do telejornal da primeira edição? Existem preferências para os problemas sociais dos bairros?

As pautas são definidas por ordem dos factuais que aconteceram durante a madrugada e manhã. Caso ocorra um factual, optamos por derrubar uma pauta que seja fria. O Balanço Geral sempre dá prioridade ao comunitário, problemas e demandas da população.

- A linha editorial do veículo de comunicação permite liberdade para fazer um jornalismo voltado aos problemas sociais?

Sim. A linha editorial é voltada aos problemas sociais.

- Qual o grau de proximidade/vínculo da emissora afiliada com a sociedade/comunidade bauruense?

Os nossos telespectadores sabem que têm na Record TV Paulista um espaço para reclamar as suas necessidades recorrentes, tanto que a maioria das pautas comunitárias vem de ligações deles ou de mensagens por meio do Flagrou Tá na Record.

- Você como profissional e cidadão acha que existe um compromisso com a sociedade na hora de 'fazer a notícia', ou apenas é cumprido as obrigações jornalísticas da emissora?

Nosso compromisso com a comunidade é total. O cidadão e o nosso foco. Nosso dever e sempre atender o cidadão. Até temos pautas mais leves...mas a demanda comunitária lidera nossa linha editoria

Bruno Mestrinelli, produtor

-A produção prioriza fontes dos bairros na hora da pauta?

Sim, as fontes dos bairros são fundamentais para saber o que está acontecendo no local.

- Quais são os principais problemas que afligem a comunidade/ os moradores em Bauru?

O principal problema que imagino afligir a população é a falta de médico, de atendimento em saúde... Falta de asfalto e vazamentos são também problemas que são levados todos os dias para a redação

-Como é a relação da produção com as fontes?

Tem que ser uma relação de proximidade, mas de forma profissional, garantindo isenção na hora da apuração.

- Qual a importância de mostrar os problemas e ouvir tanto a população como o poder público?

A ideia básica do jornalismo é ouvir os dois lados, para que todos possam se pronunciar. A população reclama, com razão, enquanto o poder público tem o dever de explicar porque não resolve os problemas.

Alexandre Colim – Repórter/ Apresentador Plantonista

- Existe o compromisso do repórter com o cidadão diante dos problemas sociais mostrados na reportagem?

Sim. Se o repórter se envolver com o fato, ele vai conseguir dar muito mais consistência à reportagem. Ele vai sentir na pele o que o cidadão sente. A matéria fica mto mais encorpada

- Espera-se por resultados satisfatórios ou simplesmente cumpre o papel de informar o problema?

O resultado mais satisfatório é quando o problema é resolvido. O ato de informar contribui para a solução.

- Qual o vínculo do profissional com a cidade de Bauru? Participa de atividades sociais fora do ambiente de trabalho?

O vínculo é total até porque comecei a minha carreira aqui e fiquei um tempo fora, mas agora estou de volta. Então, esse vínculo é muito forte fora do ambiente da TV participo sim de vários compromissos sociais dos mais diversos

- Qual o papel do jornalista de televisão na sociedade, na sua visão?

Como todos os jornalistas de televisão tenho papel de informar. O repórter tem que ter em mente que através do trabalho dele mesmo com tantas dificuldades hoje pra se fazer um bom jornalismo, ele tem que assumir o papel de quem é capaz de lançar luz sobre os mais diferentes temas. Os profissionais precisam assumir essa função, resto é de menor relevância.

André Cremonez -Cinegrafista

- Qual o significado das imagens em sua profissão?

Eu tento transmitir o que eu vejo através das minhas imagens, fazendo assim com que a lente da câmera seja os olhos das pessoas que estão assistindo.

- O cinegrafista tem total liberdade para a captação de imagens externas?

Eu tenho muita liberdade pra captação de imagens externas ...mas sempre respeitando o direito das pessoas e não invadindo a privacidade de ninguém.

- O que sente diante de tais problemas sociais que afligem a sociedade e qual a responsabilidade da captação de imagens nesses casos?

Os atuais problemas sociais me deixam indignado e até entristecido. Então por meio das imagens podemos tentar passar para as pessoas a realidade ...mesmo sabendo que em alguns casos essa realidade é injusta e cruel.